

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

WILLIAM MARCOS MACHADO

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: O PROFESSOR DE
ARTES VISUAIS, O TEATRO E O TRABALHO COM IDOSOS**

CRICIÚMA

2014

WILLIAM MARCOS MACHADO

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: O PROFESSOR DE
ARTES VISUAIS, O TEATRO E O TRABALHO COM IDOSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Feldhaus.

CRICIÚMA

2014

WILLIAM MARCOS MACHADO

**ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: O PROFESSOR DE ARTES
VISUAIS, O TEATRO E O TRABALHO COM IDOSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 25 de novembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestre em Educação - (UNESC) - Orientador

Prof^a Aurélio Regina de Souza Honorato – Mestre em Educação - (UNESC)

Prof^a Amalheine Baesso Reddig – Mestre em Educação – (UNESC)

Dedico este trabalho a todos os idosos com os quais trabalho, meus pais, meus familiares, meus mestres e meus amigos que sempre estiveram ao meu lado torcendo por mim, e também a Deus que nunca me deixou só nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente aos meus pais José Carlos Machado e Maria Lurdete Marcos Machado por sempre acreditarem em mim e nos meus sonhos e por terem me dado uma educação que me tornou o homem que eu sou. Amo vocês! Se batalho tanto é pra um dia retribuir tudo que vocês já fizeram por mim.

A minha irmã Andresa Marcos Machado e meu cunhado Fernando Rocha, por estarem comigo sempre e me darem a Maria Isabel, minha sobrinha que me alegra tanto.

Aos meus familiares de Laguna, tios, tias, madrinha, padrinho, primos e primas que sempre perguntam pela minha faculdade e ficam felizes com o meu crescimento. Neste caso quero agradecer principalmente a minha prima de coração Bruna Crescêncio Neves, jovem batalhadora que está fazendo doutorado e sempre que me encontra diz pra eu nunca desistir.

A toda a família AFASC pelas grandes oportunidades de aprendizado que recebo diariamente, aos meus amigos de trabalho e a direção em nome da presidente Isabel Cristina Grijó Búrigo por acreditar no meu trabalho.

Aos mestres que me trouxeram tanto conhecimento neste meu percurso, principalmente a Aurélia Regina de Souza Honorato, que num dia de férias me ligou para ingressar no PIBID. A professora Silemar Maria de Medeiros da Silva por todo o aprendizado que me proporcionou nesses dois anos de PIBID. A Amalhene Baesso Reddig por tantas oportunidades proporcionadas juntamente com o Setor Arte e Cultura, e a todos os professores mestres do curso, aprendi muito com vocês!

Aos meus amigos que estão comigo nesta trajetória: Leandro Jung, Eliane Casagrande, Mariana Dal Molin, Juliana Pereira Guimarães, Paula Oliveira, Franciele Marcelino, e tantos outros que estiveram do meu lado, sempre ajudando a fazer trabalhos significativos dentro do curso. Minha passagem pelo curso não seria tão expressiva se vocês não estivessem comigo.

As minhas comadres Gorete Salvaro e Vera Waterkemper, obrigado pela força sempre, vocês estão no meu coração.

As meninas da dança circular, Cristiane Silveira, Cristina Valcanaia, Cida Ferreira e Luzia Helena Stephani, por deixarem minha vida mais alegre e leve.

A família Figueiredo Corrêa, principalmente no nome de Estelita Figueiredo Correa, que a anos dizia pra eu ir fazer Artes Visuais, e nunca cansou de

insistir para que eu fosse. E eu vim, viu?

Aos meus avós maternos que não se encontram mais com a gente neste plano: Iolanda Sisino Marcos e Abilio Marcos e minha vó paterna Paula Palmiro machado, onde quer que eles estejam sei que estão muito orgulhosos de mim. Ao meu vô Manoel Dário Machado que está entre nós e que também sei que se orgulha de mim. Amo vocês eternamente

Não posso deixar de agradecer também ao meu orientador Marcelo Feldhaus por todas as instruções, orientações e por todo o conhecimento que me proporcionou. A treze anos nos conhecemos, já nos cruzamos muito nessa roda da vida, porém essa foi a mais significativa na minha vida. Obrigado por ter aceito me orientar.

Sei que talvez esteja esquecendo alguém e já peço perdão, pois desde a metade dessa escrita a emoção já tomou conta de mim de uma maneira que não consegui controlar. Portanto, obrigado de coração a todos que contribuíram positivamente na minha vida nesses últimos quatro anos.

A todos eu só quero dizer uma única palavra: GRATIDÃO.

Nosso amor pela pessoa velha não deve ser uma opressão, uma tirania a inventar cuidados chocantes, temores que machucam. Façam o que bem entendam, cometam imprudências, desobedeçam os conselhos. Libertemos os velhos de nossa fatigante bondade.

Paulo Mendes Campos

RESUMO

A presente pesquisa propõe como problema de pesquisa Quais os desafios e as possibilidades metodológicas do professor de Artes Visuais ao desenvolver uma oficina artístico-cultural para a terceira idade? E como objetivo investigar os desafios e as possibilidades metodológicas do professor de Artes Visuais no desenvolvimento de oficinas artístico-culturais para a terceira idade. A investigação parte de minha experiência profissional com a oficina de teatro nos grupos de idosos da AFASC – Associação Feminina de Assistência Social, articulando os espaços não formais como possibilidade de atuação do licenciado em artes visuais. A pesquisa contempla discussões envolvendo as concepções sobre a pessoa idosa, ensino das artes visuais, ensino do teatro, espaços não formais de educação e campo de trabalho para o professor de Artes Visuais. O corpo teórico do trabalho contempla os estudos de Duarte Jr. (2012), Leite (2011), Canton (2009), Gohn (2013), Minayo (2013), Meira (2004), Volpato (2012), Vellas (2009), Trilla (2008), Estatuto do Idoso (2003) entre outros. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, na linha de Educação e Arte do curso de Artes Visuais da UNESC. A pesquisa de campo envolveu 16 acadêmicos de Artes Visuais participantes do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, a partir de entrevistas semi-estruturadas. A entrevista realizada trouxe dados relevantes em relação as compreensões dos bolsistas do Pibid sobre os espaços não formais de educação, os idosos e a este campo de trabalho como possibilidade de atuação profissional do professor de Artes Visuais e o ensino das Artes. A pesquisa traz ainda importantes reflexões e contribuições para o currículo do curso, em especial no que tange aos conhecimentos sobre metodologias para trabalhos em espaços não formais de educação.

Palavras-chave: Teatro; Espaços Não Formais; Pessoa Idosa; Professor de Artes;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Dona Arlinda no grupo de idosos.	39
Figura 2: Dona Arlinda com os idosos.....	40
Figura 3: Jogo teatral “O Pato”.....	40
Figura 4: Jogo teatral expressões faciais.	41
Figura 5: Jogo teatral do “espelho sentados”.....	42
Figura 6: peça “O senhor Gordo”.....	43
Figura 7: Peça “O senhor Gordo”.....	43
Figura 8: Peça “Visitando a Vovó”.....	44
Figura 9: Peça “Visitando a Vovó”.....	44
Figura 10: Peça “Grupo de princesas da terceira idade”.....	46
Figura 11: Peça “Grupo de princesas da terceira idade”.....	47
Figura 12: Peça “As Dorotéias”.....	47
Figura 13: Peça “As Dorotéias”.....	48
Figura 14: Perfil Gráfico das disciplinas do Curso de Artes Visuais Licenciatura.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Metodologia do projeto de curso: o diálogo com a extensão.....	63
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFASC	Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma
AMA	Associação dos Amigos dos Autistas
APAE	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
CRAS	Centro de Referência a Assistência Social
DEI	Departamento de Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
ONG	Organização Não Governamental
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
PPC	Proposta Pedagógica do Curso
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	15
3 ARTE E LINGUAGEM: RELAÇÕES ENTRE ENSINO, TEATRO E ARTES VISUAIS	19
3.1 LINGUAGEM.....	23
3.2 TEATRO E ARTES VISUAIS: RELAÇÕES POSSÍVEIS.....	25
4 ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: PARA ALÉM DA ESCOLA	30
4.1 O SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS PARA A PESSOA IDOSA DA AFASC – CRICIÚMA.....	35
4.2 O IDOSO COMO SUJEITO DA APRENDIZAGEM: OFICINA DE TEATRO	38
5 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES VISUAIS E SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL	50
6 APRESENTAÇÃO DE ANÁLISE DE DADOS	55
6.1 PROJETO DE CURSO: O DIÁLOGO COM A EXTENSÃO	60
6.1.1 Título.....	60
6.1.2 Ementa	60
6.1.3 Carga horária	61
6.1.4 Público alvo	61
6.1.5. Justificativa:	61
6.1.6 Objetivos	62
6.1.7 Metodologia	63
6.1.7 Referências	63
7 CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICES	69
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE	70
APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS E FALAS	71
APÊNDICE C- QUESTÕES SEMII-EXTRUTURADAS	72

1 INTRODUÇÃO

Minha história com a arte inicia na cidade de Laguna em Santa Catarina, cidade onde passei minha infância ao lado de toda minha família. Durante o antigo primário, hoje anos iniciais, sempre fui destaque na hora de ensaiar danças para os eventos da escola e até teatros, quando percebia, os professores saíam da sala deixavam-me ensaiando os colegas. Naquela época eu já dizia a meus pais que queria fazer teatro, mesmo sem saber direito o que era, apenas por ouvir os professores dizerem que eu deveria fazer teatro.

Mas só fui conhecer o teatro como linguagem artística quando vim morar com meus pais em Criciúma. Ingressei em um grupo de teatro amador chamado Belas Artes do bairro Cristo Redentor, seguido das oficinas de teatro da Fundação Cultural de Criciúma, com a professora Dorian Bez Fontana Búrigo. Logo querendo mais e mais teatro, consegui entrar para o Cia Sul de Teatro da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), grupo dirigido por Vanderlei Mendes. Foi nessa época que conheci a professora Amalhene Baesso Reddig, mais conhecida como Lenita, e também meu orientador do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Marcelo Feldhaus, que na época era acadêmico do curso de Artes Visuais. Éramos colegas do grupo de teatro. Tudo isso aconteceu entre os anos de 1999 e 2004.

Em 2005 passei a dar aulas de expressão corporal na Epasc – Escola preparatória de atores de Santa Catarina. Foi nessa época a partir desse trabalho, que enxerguei coisas erradas neste mundo do teatro, larguei a escola, prometi nunca mais fazer teatro na minha vida e montei uma pequena facção com minha mãe onde costurávamos camisetas gola pólo.

Entre os anos de 2009 e 2010, minha mãe passou por uma crise de estresse, por conta da quantidade de serviço que tínhamos e decidimos fechar a facção. Coloquei meu currículo embaixo dos braços e fui procurar um novo emprego. Fiquei um mês procurando trabalho, rezando e pedindo para conseguir um emprego que eu soubesse trabalhar, que eu me identificasse e de preferência com um público que eu gostasse. Eis que no final de janeiro me ligaram da AFASC – Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma, oferecendo 20 horas para trabalhar o teatro com os idosos. Aceitei de imediato. Foi quando percebi que o teatro tinha vindo me encontrar mais uma vez.

Depois de passar o ano de 2010 redescobrimo o teatro e aprendendo muito com os idosos, decidi voltar a estudar, e escolhi o curso de Artes Visuais da UNESCO para este novo momento da minha vida. Através do curso me descobri enquanto profissional, ampliei meu olhar para a arte e pude experimentar outras linguagens artísticas. Compreendi as especificidades das artes visuais e suas relações com as demais linguagens. Entrei para o PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, onde me envolvi e me apaixonei pelos espaços escolares, a formação do professor e a pesquisa.

Por falar em pesquisa, entrei no curso com meu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso na cabeça, querendo pesquisar o teatro e o idoso, porém na metade do curso algo começou a atormentar, pois tudo que eu pensava levava para a arteterapia, e não queria isso, queria falar de teatro, idoso e educação. Portanto, o olhar que o PIBID trouxe em relação aos professores, me fez pensar no seguinte problema de pesquisa: Quais os desafios e as possibilidades metodológicas do professor de Artes Visuais ao desenvolver uma oficina artístico-cultural para a terceira idade? Passei a pensar no teatro, idoso e educação, mais pelo olhar do professor e do campo de trabalho. As possibilidades de atuação dos professores neste espaço não formal de educação.

Portanto, apresento a pesquisa intitulada “Espaços não formais de educação: O professor de Artes Visuais, o teatro e o trabalho com idosos”, estruturada em sete capítulos, sendo o primeiro a introdução do trabalho. No segundo capítulo apresento o percurso metodológico da pesquisa. Discorro com Demo (2001), Leite (2011), Minayo (2013), dentre outros.

O terceiro capítulo propõe uma discussão envolvendo as linguagens da arte, o ensino da arte, e as relações entre teatro e artes visuais. Para este capítulo, fundamento-me em autores como Ferraz e Fusari (2009), Barbosa (1998), Zagonel (2009), Duarte Jr.(2012), Oliveira (2008), Neves e Santiago (2009), Ostetto (2004), Dória (2009) e Meira (2004).

No capítulo seguinte estabeleço reflexões envolvendo os espaços não formais de educação e suas possibilidades de atuação, bem como a relação destes com os idosos a partir dos autores: Gohn (2011; 2013), Trilla (2008), Volpato (2012), Reddig e Honorato (2008), Siqueira (2007), Japiassu (2012), Vellas (2009), Tavares (2004), Doll (2007) e Ribeiro (2004).

No quinto capítulo conversaremos sobre o professor de Artes Visuais e seu campo de atuação estabelecendo diálogos com Meira (2014), Isaia (2006) – Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais (UNESC, 2014) e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003).

O sexto capítulo é dedicado a apresentação e análise de dados, onde apresento os relatos da entrevista que realizei com os bolsistas do PIBID de Artes Visuais. Trago para essa análise os seguintes autores Minayo (2013), Canton (2009) e Carvalho (2002) dentre outros. No sétimo e último capítulo apresento as conclusões da pesquisa, em que proponho a inserção de uma disciplina que envolve questões metodológicas para espaços não formais de educação.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Toda pesquisa necessita de tempo, dedicação, fundamentação e momentos de entrega para refletir sobre as questões relacionadas ao tema delimitado no objeto de investigação. Para Demo (2001, p. 63): “O trabalho pessoal de pesquisa encontra expressão própria no desafio de assumir um tema para elaborar e defender, ainda que possa restringir-se à produção teórica.” Dessa forma é de suma importância que o pesquisador busque investigar um tema que ele tenha leituras preliminares, para defendê-lo com afinco até a finalização da pesquisa.

Esta pesquisa encontra-se na linha de pesquisa Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC¹. Trata-se de uma pesquisa sobre arte que parte da inquietação e da vontade de proporcionar aos idosos que participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos experiências em artes visuais e teatro com mais qualidade.

Leite (2011) discute a pesquisa sobre arte como “aquela que é feita por pesquisadores, tendo como produto final um texto, e que se assemelha muito, metodologicamente, a outras pesquisas na área de ciências humanas e sociais.” (2011, p.30). Ou seja, a pesquisa sobre arte irá difundir a arte e seus conceitos, em um texto final que virá a servir como um objeto de estudo futuro onde contemplará a arte e suas especificidades. Assim que Cattani (apud LEITE, 2011, p.30) destaca que “é aquela que envolve análise das obras, reunindo a história da arte, as teorias da arte e, ainda, conceitos de outras áreas do saber, utilizados como conceitos instrumentais.”

Trata-se ainda de uma pesquisa de natureza básica, no qual se dará de forma qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro a partir da realidade vivida e partilhada

¹Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. Linguagens artísticas e suas relações com a prática pedagógica. Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultura e suas implicações com a arte e a educação. Disponível em: www.unesc.net/artesvisuais.

com seus semelhantes. (MINAYO, 2013, p. 23).

Ao refletir sobre a pesquisa qualitativa chego a problematização que propõe investigar *Quais os desafios e as possibilidades metodológicas do professor de Artes Visuais ao desenvolver uma oficina artístico-cultural para a terceira idade?*²

Quando trago este problema, penso no ensino da Arte e suas mais variadas linguagens para um público diferenciado, no caso, o sujeito da terceira idade. Além disso, trago à cena a educação em espaços não formais enquanto campo de atuação para o profissional de artes visuais.

Proponho como questões norteadoras: Quais as diferenças do ensino de arte entre crianças, adolescentes e idosos? Quais os perfis de idosos presentes na atualidade? Como o professor de artes visuais pode se preparar para trabalhar o teatro com a terceira idade? Como se dá o ensino/aprendizagem da linguagem do teatro com o idoso? O curso de artes visuais contempla o ensino das linguagens artísticas em espaços não formais? O espaço não formal é um campo em expansão para a atuação do professor de artes visuais? Através do ensino do teatro há mudança social e intelectual no idoso?

Com todos estes questionamentos a serem refletidos, repensados e contextualizados na pesquisa, desenho como objetivo geral: investigar os desafios e as possibilidades metodológicas do professor de Artes Visuais no desenvolvimento de oficinas artístico-culturais para a terceira idade. E como específicos: conhecer o conceito de idoso na contemporaneidade; identificar os desafios do ensino das artes para idosos; reconhecer os espaços não formais de educação como campo de atuação profissional do licenciado em Artes Visuais; descobrir novos desafios e metodologias acerca do ensino da linguagem do teatro para idosos; propor reflexões acerca das metodologias de ensino de artes visuais e teatro para idosos que freqüentam espaços não formais.

Para responder as questões norteadoras e alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, proponho enquanto instrumento de coleta de dados a entrevista. Mas, o que é a entrevista numa pesquisa?

² Grifo do autor.

Minayo destaca,

[...] é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo. (2013, p.64).

A autora aponta que as pesquisas com uso de entrevista possibilitam a interlocução entre sujeito pesquisador e sujeito participante da pesquisa, e complementa:

Uma entrevista, como forma privilegiada de interação social, está sujeita à mesma dinâmica das relações existentes na própria sociedade. Quando se trata de uma sociedade ou de um grupo marcado por muitos conflitos, cada entrevista expressa diferenciada a luz e a sombra da realidade, tanto no ato de realizá-la como nos dados que aí são reproduzidos. Além disso, pelo fato de captar formalmente a fala sobre determinado tema, a entrevista, quando analisada, precisa incorporar o contexto de sua produção e, sempre que possível, ser acompanhada e complementada por informações provenientes de observação participante. Desta forma, além da fala que é seu material primordial, o investigador qualitativista terá em mãos elementos de relações, práticas, cumplicidades, omissões e imponderáveis que pontuam o cotidiano. (MINAYO, 2013, p.65).

As entrevistas foram realizadas com 16 bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID de Artes Visuais da UNESC, professores em formação inicial, em que a partir da apreciação de um vídeo que apresenta uma oficina de teatro para a terceira idade na Instituição³ que atuo, estabelecemos reflexões sobre as relações entre linguagens (artes visuais e teatro) e suas possibilidades de ensino para idosos, bem como o campo de trabalho em espaços de educação não formal como espaço profissional para o licenciado em artes visuais.

A pesquisa possibilitou ainda fazer uso da observação participante, que Minayo define como:

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador no

³ Em textos posteriores apresentarei a AFASC – Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma, Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para a pessoa idosa, instituição onde atuo desenvolvendo a Oficina de Teatro desde 2010.

caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. (2013, p. 70).

Portanto, utilizar as entrevistas em grupo como coleta de dados, me coloca na posição de pesquisador/observador, das falas e ações das pessoas as quais eu estiver entrevistando e cotidianamente fazem parte de meu trabalho na AFASC. Entretanto, dessa forma, ao observar e ouvir os bolsistas do PIBID de Artes Visuais, encontro algumas das respostas propostas pela problematização da pesquisa além do apontamento de novas perguntas que surgem a partir desse estudo.

Como proposta de extensão, proponho um curso destinado a acadêmicos em formação e professores de Artes Visuais, com três encontros, onde no primeiro se discute e estuda o espaço não formal de educação, no segundo encontro os conceitos e orientações técnicas do Sistema Único de Assistência Social - SUAS para o idoso, e no último encontro metodologias para o trabalho do profissional das artes visuais com o idoso.

3 ARTE E LINGUAGEM: RELAÇÕES ENTRE ENSINO, TEATRO E ARTES VISUAIS

A arte faz parte da história da humanidade desde seus antepassados quando os homens da pré-história (15000 a.C) registravam nas paredes das próprias cavernas desenhos que representavam seu dia-a-dia, suas formas de vida e conquistas de cada tribo. Essas manifestações não ocorreram apenas nesta época, outros povos, como os egípcios também utilizaram os desenhos e pinturas como forma de imortalização e registro representando a vida dos faraós em sarcófagos e tumbas. (FARTHING, 2012).

Os povos maias na América Central (IV a.C), também deixaram registros de suas percepções e teorias sobre o fim do mundo. Ou seja, cada cultura representou a partir de suas crenças, costumes e experiências, formas que mais tarde foram compreendidas como manifestações artísticas dotadas de conceitos estéticos.

Dessa forma, a arte vem acompanhando a humanidade desde seus primórdios, acompanhando suas transformações e participando ativamente delas, mudando conceitos e costumes das pessoas.

Ferraz e Fusari (2009, p.18), destacam a relevância da arte na vida do sujeito propondo que “primeiramente, é a importância devida à função indispensável que a arte ocupa na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização.”.

Logo, a arte se faz presente em nossas vidas em diferentes formas que podemos definir como linguagens. Documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Arte, Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM, e muitas outras publicações, propõem a divisão de quatro grandes linguagens, sendo elas: Artes Visuais, Música, Teatro e Dança (essas últimas identificadas em alguns momentos como Artes Cênicas)⁴.

As linguagens da arte possibilitam a decodificação de signos, símbolos e a possibilidade de ler e compreender o mundo que nos cerca. Barbosa corrobora nesse sentido:

⁴ Aprofundarei as discussões sobre as linguagens da arte ainda na seção 3.1 desse capítulo.

Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A arte, como uma linguagem presencial dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como linguagem discursiva e científica. (1998, p. 16).

Segundo a autora, olhamos a arte enquanto uma área de conhecimento humano, que permite o reconhecimento do sujeito dentro da sociedade. Dessa forma, a arte nos proporciona um conhecimento sensível que outras ciências não nos proporcionam, levando o sujeito a conhecer e se reconhecer em seu contexto histórico-cultural, podendo assim modificar sua realidade, formando opinião.

A arte e a cultura são um meio de expressão humana, um meio de comunicação importante. O indivíduo expressa, por meio da arte, seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias e se sente participativo na sociedade na qual está inserido. A arte proporciona atividades que permitem a inclusão, e por isso são meios de transformação social. (ZAGONEL, 2009, p. 30)

Ao refletir sobre as duas autoras, penso que uma das funções da arte é o de autotransformação, pois quando o sujeito se relaciona com a música, o teatro, a dança e as artes visuais o mesmo se expressa, faz reflexões, promove “rachaduras”⁵, novas formas de ver e sentir, amplia a escuta, desenvolve o sensível.

Dessa forma não temos um único conceito que possa definir arte, porém é possível pensarmos sobre a mesma enquanto uma área de conhecimento no qual o sujeito se expressa, produz, reflete e se reconhece enquanto sujeito participativo em uma sociedade.

Compreendendo a arte enquanto área de conhecimento, ressalto sua relevância na formação do sujeito. Logo, precisa fazer parte dos currículos dos espaços formais de educação, mas também como proposta de acesso e

⁵ Termo utilizado pela Prof. Dra. Irene Tourinho ao falar sobre cultura, visualidades e ensino na Aula Inaugural do Curso de Artes Visuais – UNESC em 27/08/14. A autora propõe que no exercício de ver o mundo possamos provocar rachaduras em nossas concepções, abrir novas frestas e exercitar a disponibilidade de não excluir pontos de vista que não somos habituados a ver.

educação em espaços não formais como museus, Organizações Não Governamentais, centros culturais, serviços sociais.

O ensino da arte nas escolas deu-se em meados do século XX. Com uma escola que comungava dos princípios tradicionalistas, as aulas de artes se resumiam ao desenho técnico e atividades relacionadas ao artesanato. Não existia uma criação, um diálogo do aluno com a arte, uma apreciação. O aluno fazia o desenho apenas para aprender sua técnica. Nessa época o ensino da música também ganhava espaço na educação. (ZAGONEL, 2009).

Nos anos 20, surge a Escola Nova, com a concepção de uma escola para todos, universal e gratuita, com o processo de aprendizagem centrado na livre expressão do aluno, com a concepção do espontaneísmo. Na década de 30, durante o período de Getúlio Vargas, o ensino da música ganha força, sendo instituído o canto orfeônico, onde o aluno passou a aprender a cantar canções infantis do folclore, marchas, hinos e cantos cívicos. (ZAGONEL, 2009).

Conforme destaca Zagonel (2009, p.51),

A ideia de incluir o ensino da Arte na escola é retomada somente a partir de 1945. Em 1948, foi criada a Escolinha de Artes do Brasil, no Rio de Janeiro, pelo artista Augusto Rodrigues, voltada especialmente para o ensino da Arte para as crianças. A partir dela outras escolas de Arte foram surgindo. No início dos anos 70 já havia mais de 30 escolinhas espalhadas pelo Brasil, que acabaram por influenciar todo o ensino de Arte no País, disseminando novas metodologias baseadas na criatividade e na livre expressão.

Em relação ao ensino da música a autora propõe,

Na música, “depois de trinta anos de atividades em todo o Brasil, o Canto Orfeônico foi substituído pela Educação Musical, criada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1961”. Na ocasião em que começam a ser divulgados no Brasil os chamados métodos ativos, aqueles onde o educando tem a oportunidade da prática e da vivência, antes de chegar aos conceitos e teorias. (2009, p.51).

Observamos que o ensino da Arte vem passando por vários momentos ao longo da história. Outro exemplo é em 1971 quando entra em vigor a Lei nº 5.692, que estabelece o ensino da Educação Artística nas escolas contemplando várias linguagens: artes plásticas, teatro, dança e

música.

Nesse momento da história, passa-se a ter uma preocupação na formação do professor que contemplava todas as linguagens. Foram criados cursos de licenciatura de curta duração para contemplar este momento do ensino da Arte, porém viu-se um enfraquecimento da qualidade do ensino surgindo o conceito de polivalência, pois os professores passaram a ter que dominar as diversas linguagens artísticas para poder ensinar aos alunos, a arte passou a ser vista como educação.

Com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) que visava a educação enquanto um processo de cidadania, qualidade de ensino e educação gratuita a todos. Em relação ao ensino da arte, a LDB, aponta no Artigo 26, inciso 2 que “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996). Em 1996 é inserido no contexto de ensino os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN-Arte). Ferraz e Fusari (2009, p.57) nos apresentam um conceito deste documento:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram propostos como diretrizes pedagógicas e considerados um referencial importante para a educação escolar no país, por seu compromisso de assegurar a democratização e um ensino de qualidade para todos os estudantes. Para muitos, os PCNs têm demonstrado a sua contribuição, como uma proposta de prática educativa adequada às necessidades sociais, econômicas e culturais brasileiras. Analisando os documentos e observando o cuidado em seu detalhamento vê-se que o texto em geral engloba ideias, premissas, procedimentos e conteúdos condizentes com as teorias e práticas contemporâneas, e tem como direcionamento tanto os conhecimentos próprios das áreas componentes do currículo, como os saberes considerados fundamentais para o fortalecimento da identidade e a formação do cidadão. Com referência aos PCNS de Arte, tais saberes foram direcionados ao autoconhecimento, ao outro, ao fazer e perceber arte com autonomia e criticidade, ao desenvolvimento do senso estético e à interação dos indivíduos no ambiente social/tecnológico/cultural, preparando-os para um mundo em transformação e para serem sujeitos no processo histórico.

A partir desse documento o professor de Artes pode direcionar melhor suas aulas, pesquisar conteúdos e entender a papel do professor, do ensino de arte nas escolas e do próprio aluno, um sujeito em transformação, em formação de conceitos culturais e sociais.

Neste momento contemporâneo, o professor de artes está em transformação juntamente com a própria arte em sua contemporaneidade. Por tempos a disciplina de Artes foi compreendida como algo sem muita importância usada apenas para decorar a escola em datas comemorativas.

É ainda comum encontrar-se, nas aulas de arte, a proposta de confecção de presentes para o “dia dos pais”, “das mães”, “das crianças”, etc. além de, em geral, serem “presentes” pré-fabricados, que o aluno deve recortar, colar e colorir, reforça-se a atitude consumista presente entre nós. Transmite-se sem questionamentos, uma ideologia de consumo que instituiu semelhantes datas com fins estritamente lucrativos. E o que é pior: impõe-se tais valores mesmo às crianças oriundas de classes sociais extremamente carentes, levando-as a assimilar modelos que ocultam suas reais condições de vida. Lembremo-nos: arte-educação significa expressar os sentimentos e sentidos oriundos da vida concretamente vivida, e não a imitação dos valores alheios. (DUARTE JR, 2012, p.83).

Proponho então, uma reflexão acerca do atual momento do ensino de arte no Brasil, com professores envolvidos no ensino da arte nas escolas, a ponto de valorizarem o ensino argumentando sua importância na formação dos alunos. Porém, esta importância não está apenas dentro dos muros das escolas, o professor tem atuado cada vez mais em espaços não formais de educação.

3.1 LINGUAGEM

Não podemos falar de arte e de sua importância na humanidade sem falarmos de linguagem, no caso, a arte e suas linguagens. Mas, o que compreendemos por linguagem? Esse termo não é restrito ao campo artístico. De acordo com Ostetto (2004, p. 86),

Linguagem, linguagens. Linguagem: fala. Linguagem: formas de expressão, leitura e representação do mundo. É preciso destacar esses significados: 1) linguagem como um sistema articulado de signos construídos ao longo da história, que veicula significados convencionais, mais ou menos estáveis, e sentidos mutáveis. 2) linguagem como formas de expressão e comunicação.

A autora destaca que através da linguagem nós nos comunicamos, nos expressamos com e para outros sujeitos. Vale ressaltar que quando falamos em linguagem, há diferença entre se comunicar e se expressar. Duarte

Jr. (2012, p.40-41) define comunicação como:

Comunicar significa primordialmente transmitir conceitos o mais explicitamente possível, com o mínimo de ambiguidades e conotações. O receptor da mensagem deve compreender o significado explícito que o emissor deseja comunicar. Se digo, por exemplo, “a manga está estragada”, posso gerar uma dúvida, uma ambiguidade, no ouvinte: será uma fruta ou a parte de uma vestimenta que se estragou? Devo dizer “ a manga da camisa esta estragada”, para que a comunicação se dê num nível ótimo. Comunicar se refere basicamente a transmissão de significados explícitos, reduzindo a um mínimo as conotações.

Em relação a expressão o autor destaca:

Quanto à expressão, esta diz respeito à manifestação de sentimentos (através de diferentes sinais ou signos). Na expressão, não se transmite um significado explícito, mas se indicam sensações e sentimentos. A expressão é ambígua e depende da interpretação daquele que a percebe. Por exemplo: o choro exprime tristeza; ele exprime mas não significa tristeza, pois pode-se chorar também de alegria. Se vejo alguém chorando, o sentido expresso por esse choro (alegria, tristeza, dor etc.) vai depender da interpretação que faço daquela situação. Na expressão, há sempre um maior grau de ambiguidade. (DUARTE JR., 2012, p.41).

Dessa forma podemos dizer que normalmente a linguagem oral e escrita adéquam mais para a comunicação, comum entre os sujeitos, mesmo provocando sensações e sentimentos a quem fala e a quem ouve. Assim como, Oliveira (2008, p. 77) também contempla “[...] linguagem é um conjunto (sistema) de signos, organizado mediante regras, visando a comunicar significados.” Portanto, podemos tratar as mais variadas artes enquanto linguagens, pois ao percebermos seus códigos e símbolos, passamos a estreitar uma comunicação com a arte em si, que nos leva a reflexões, afetos, desafetos e conhecimentos.

A arte em todas as suas manifestações, é, por conseguinte uma tentativa de nos colocar diante de formas que concretizem aspectos do sentir humano. Uma tentativa de nos mostrar aquilo que é inefável, ou seja, aquilo que permanece inacessível às redes conceituais de nossa linguagem. As malhas dessa rede são por demais largas para capturar a vida que habita os profundos oceanos de nossos sentimentos. Ali, quem se põe a pescar são os artistas. (DUARTE JR, 2012, p.49).

A arte nos leva ao sensível e inteligível, a nos percebermos enquanto sujeitos pensantes capazes de apreciar e fruir uma pintura, escultura, uma música uma peça de teatro, e absorver a essência daquela linguagem, do que o artista pretendeu passar ou provocar no espectador/apreciador. Mas este momento não é tão simples, pois o sujeito precisa conhecer a arte, suas linguagens e suas especificidades através do seu ensino/aprendizagem no ambiente escolar.

As linguagens da Arte muitas vezes se comunicam entre si, se interligam como rizomas, conceito usado na contemporaneidade, e que Oliveira (2008, p. 84) destaca como “[...] conhecimento mapeado em platôs interligados, mas sem uma lógica de precedência ou uma ordem cronológica, ou seja, em linearidade.” Assim as linguagens da arte se interligam com inúmeras possibilidades de aprendizado e ensino, tornando a experiência do sujeito mais rica e significativa.

3.2 TEATRO E ARTES VISUAIS: RELAÇÕES POSSÍVEIS

Quando dialogamos sobre linguagens da arte, penso em uma linguagem que ao meu olhar é bastante rizomática, pois ela se ramifica caminhando por vários espaços, transitando em meio. O teatro relaciona-se intensamente com as demais linguagens de uma maneira muito concreta assumindo a importância de cada uma no seu contexto.

Neves e Santiago propõem a seguinte reflexão:

[...] A possível completude da arte teatral está no fato de ela se manifestar em todas as demais artes e também, por sua vez as demais artes estarem presentes no teatro. Ou seja, a música, a dança, a literatura (o texto), as artes plásticas (o cenário) compõem a estrutura teatral; bem como existe uma imagem cênica na música, na dança, numa instalação. (2009, p.10).

Podemos relacionar estas características do teatro como hibridismo, pois o teatro dialoga facilmente com outras linguagens. Num único espetáculo podemos ter, cinema, escultura, dança, música e outras linguagens relacionando-se de forma efetiva a partir dos códigos específicos inerentes a

cada uma.

Oliveira destaca,

Também é necessário que se leve em conta que a “linguagem” cênica é híbrida, ou sincrética, ou miscigenada. Do mesmo modo que as manifestações contemporâneas das artes visuais onde estão presentes, por exemplo movimento no espaço tridimensional, sons, as vezes odores e até sabores, a “linguagem” cênica é por natureza, híbrida, ou seja, composta por diversas outras “linguagens”, que poderiam significar por si só, mas na condição e “linguagem” cênica, elas se miscigenam, gerando uma outra “linguagem”, a qual, poderíamos dizer, é mais do que a soma das linguagens que a constituem. (2009, p. 91).

Chamamos também de teatro o espaço físico onde acontecem as apresentações teatrais, assim como a peça que é representada, peça essa que na verdade podemos denominar como linguagem cênica, onde Oliveira (2008, p. 90) destaca seus principais elementos:

[...] os seguintes elementos constitutivos: palavra; tom (entonação, ritmo, velocidade, intensidade, altura, timbre) expressão facial; gesto, marcação, maquiagem, penteado, indumentária, acessório, cenário, iluminação, música, som. Este rol consiste na matéria-prima do teatro. Eles se articularão para gerar os efeitos do sentido.

Portanto, apesar de estarmos em um curso de Artes Visuais, não podemos deixar de analisar o quanto a linguagem do teatro é visual, pois, além do teatro ser uma linguagem que dialoga muito bem com as outras, é uma linguagem com uma gama de elementos visuais, como a composição do cenário, do figurino, das expressões dos atores. O professor de Artes Visuais pode desenvolver aulas de teatro, destacando-o como imagem. Ou seja, pela experiência com os jogos teatrais, montagens de improviso, história e conceitos do teatro, reflexões sobre plateia que se fazem relações com as artes visuais e seus códigos específicos.

Não podemos dialogar sobre teatro sem falar de seu surgimento, lá na Grécia Antiga (V a.C), onde nas cerimônias dedicadas a Dionísio, Deus da primavera e do vinho realizaram-se as primeiras evocações que mais tarde serão reconhecidas como encenações. As apresentações contavam com homens vestidos de sátiros ou homens bodes, que cantavam e dançavam em torno de um altar, cantando a vida do Deus. Assim surgiu o teatro e a tragédia

grega. (DÓRIA, 2009).

Já no século V a.C ainda na Grécia, surge Téspis, dramaturgo e ator grego, chega a Atenas em uma carroça que usava como palco para suas apresentações teatrais. Surgem também as grandes tragédias gregas como Medéia, Antígona, Édipo Rei, entre outras. (DÓRIA, 2009).

Ao longo da história o teatro veio crescendo e contando com grandes estudiosos como que trouxeram estudos e técnicas que contribuíram para o fortalecimento do mesmo em âmbito mundial.

O teatro ao longo dos tempos foi crescendo e tomando uma proporção em que criaram-se uma gama de novas modalidades, como o teatro de bonecos, de sombra, o teatro invisível, de improviso, do oprimido, sensorial, de animação, entre outros. Podemos dizer que o fundamental do teatro é a presença do ator, pois sem um ator, um dramaturgo não tem sua peça interpretada, sem o ator os bonecos não são manipulados, o público não é tocado e o teatro não acontece.

O ator é, antes de tudo, um artista, um criador, um poeta. E, se a arte é construção e traz em si o caráter da artificialidade, ou seja, daquilo que é distinto do que é natural, do que é criado pela natureza, então, o ator-criador é um construtor de imagens, de signos, de artificios. (DÓRIA, 2009, p. 42).

O ator é peça chave no teatro, ele pode estar dentro do teatro, na rua, num bar, na calçada atrás do palco manipulando bonecos. Se teatro não vive sem o ator, o ator não vive sem seu instrumento de trabalho, o corpo, portanto concordo com Meira quando:

O ator necessita tomar consciência do próprio corpo. Conhecer sua estrutura óssea e a mecânica dos movimentos, descobrindo a dinâmica postural. Despertar os sentidos e o reconhecimento de emoções. Uma vez consciente das características individuais, o corpo se coloca em relação a outros corpos, ao espaço e ao tempo, conquistando as várias possibilidades de expressão. (2004, p. 122).

Conforme Meira (2004), o ator precisa conhecer seu corpo em sua essência, seus limites, suas condições, pois o corpo do ator é a ferramenta de trabalho do mesmo, a arte do teatro está no corpo do ator, na expressão. Mas por que ênfase tanto no corpo? O ator também precisa da voz, porém,

podemos fazer uma pantomima, onde não necessitamos ter falas, desta forma o ator é 100% corpo em cena, por conta disso reafirmo, o corpo é a essência do trabalho, o instrumento artístico do ator.

Mas o ator precisa ter consciência apenas do seu corpo? Não! Ele também precisa exercitar sua criatividade, estreitar suas relações com o improviso, descobrir seu lado sensorial e imagético. Desta forma o ator estará preparado para criar seu personagem de forma a envolver o público que o assistir.

Outro componente importante do teatro e do ator é a voz, o ator não representa o sentimento do personagem apenas corporalmente, mas vocalmente. Maletta (2011, p. 73) ressalta que “de uma forma bastante simplificada, podemos dizer que o conceito de ação vocal refere-se à utilização da voz com uma intenção cênica” uma vez que o ator se expressa vocalmente, colocando emoção em suas entonações vocais. Esta técnica vocal é muito evidenciada no teatro de bonecos, onde o ator exerce uma função de manipulador dos bonecos, evidenciando os sentimentos em sua voz para dialogar com manipulação dos bonecos para que exista um espetáculo de bonecos sincrônico.

Além da parte técnica corporal e vocal do ator, o teatro ainda precisa de cenografia, sonoplastia, figurino, iluminação, o olhar de um bom diretor que irá criar junto com o elenco e a produção o espetáculo teatral. Mas o teatro não tem sua funcionalidade apenas nesses quesitos, não existe teatro se não houver o que interpretar, ou seja, se não tiver um texto bem escrito, pensado e estudado com muita disciplina por um elenco e uma produção para executar um bom espetáculo.

Falamos sobre vários componentes da linguagem do teatro, porém um é de total importância, no caso o público, que pode ser formado pelos mais variados tipos de pessoas para variados tipos de teatro, pois ao se montar um espetáculo teatral precisa-se pensar também no público que irá assistir, fruir e apreciar a linguagem.

Podemos ter dois tipos de pessoas no teatro, os que assistem e apreciam, e os que praticam e fazem do teatro ser esta linguagem artística tão forte. Entretanto, como podemos observar as pessoas idosas no teatro? Como se dá a relação do teatro com este público diferenciado? Posso adiantar que o

teatro tem trazido uma nova perspectiva na vida dos idosos que praticam ou assistem ao teatro.

4 ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO: PARA ALÉM DA ESCOLA

Desde o início do curso de licenciatura em Artes Visuais observo que a educação não está apenas entre os muros do espaço escolar, embora compreendo que este seja o espaço institucionalizado para o ensino, está também fora dela, nos chamados espaços não formais de educação, ou ainda em todos os lugares. Mas como podemos diferenciar a educação formal, no caso a escola, e a educação não formal? Gohn reflete sobre essa questão:

A educação não formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadoras de titularidades. Difere da educação formal por que esta última possui uma legislação nacional que normatiza critérios e procedimentos específicos. A educação não formal lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, dada pelo fato de não ter um currículo definido a priori, seja quanto aos conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas. (2013, p.12).

Portanto, a educação não formal não tem documentos norteadores como a – Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, Propostas Curriculares e/ou outros, que normatizam a educação formal, no entanto ela pode ser norteada por documentos, políticas, projetos dependendo de sua natureza e instituição. A educação não formal geralmente desenvolve trabalhos em forma de oficinas e ações educativas de forma a contribuir com o desenvolvimento sócio cultural do indivíduo através de seus próprios saberes e contextos sociais.

A educação não formal contribui para a produção do saber na medida em que atua no campo no qual os indivíduos atuam como cidadãos. Ela aglutina ideias e saberes produzidos via o compartilhamento de experiências, produz conhecimento pela reflexão, faz o cruzamento entre saberes herdados e saberes novos adquiridos. (GOHN, 2013, p.13).

A educação não formal surge em meados dos anos 60 ou 70, partindo de necessidades e de fatores sociais, ampliando espaços e o conceito de educação, com novas metodologias, geralmente agregado a uma parcela da população necessitada de educação, composta por pessoas com necessidades econômicas, sociais, educacionais e até de saúde pública, atualmente identificada como público em vulnerabilidade social. Trilla(2008, p.20) descreve

sobre esse pensamento:

Crescente sensibilidade social para a necessidade de implementar ações educativas em setores da população em conflito, socioeconomicamente marginalizados, deficientes, etc. , seja como aspiração de avanço na justiça social e no Estado de bem estar, seja buscando a pura funcionalidade do controle social.

Inicialmente os espaços não formais de educação se constituíam a lugares vinculados a igrejas como: pastorais religiosas, partidos e sindicatos, que se mobilizavam para desenvolverem trabalhos sociais. Gohn destaca que “a mobilização se faz a partir de núcleos de militantes que se dedicam a uma causa segundo as diretrizes de uma organização.” (2011, p. 90).

Nos anos 90, percebeu-se que a educação não formal passa a não ser mais realizada somente por mobilizações de organizações, e sim por ações mais pontuais.

O mesmo autor destaca,

A mobilização a partir do atendimento a um apelo feito por alguma entidade plural, fundamentada em objetivos humanitários. Pode ser uma organização internacional (Anistia, Greenpeace), nacional (Campanha contra a Fome) ou local. Mas em todos os casos é no local que se desenvolvem as formas de mobilização e sociabilidade. Este tipo de associativismo não demanda dos indivíduos obrigações e deveres permanentes para com uma organização. E a mobilização se efetua independente de laços anteriores de pertencimento, o que não ocorre com a militância. (GOHN, 2011, p. 90-91).

É nos anos 90 também que começam a surgir as Organizações Não-Governamentais - ONG's, onde as ações até então propostas por pastorais ligadas a igreja ou militâncias passam a ter proposições mais planejadas e organizadas, a ponto de alcançar seus objetivos.

Então podemos destacar alguns âmbitos da educação não formal, como na esfera ligada ao trabalho, ao lazer e a cultura, da educação social e da própria escola. (TRILLA, 2008).

Metodologicamente falando, podemos fazer um comparativo entre a educação formal e a não formal quando falamos em metodologias do trabalho executado. Na educação formal a metodologia de trabalho é pautada em leis norteadoras que dão base ao planejamento do profissional, contendo assim uma diversidade de conteúdos constituindo currículos, normalmente seriado e

com níveis de ensino (Educação Básica, Profissionalizante, Superior). Entretanto, quando falamos de ensino superior, este ainda formal, e espaços não formais, logo lembramos da extensão universitária, com sua gama de projetos que contribuem para o desenvolvimento da sociedade, conforme destaca Volpato (2012, p 1),

Tratei a extensão como possibilidade mais concreta, no contexto atual, de estabelecimento desta via de mão dupla, no sentido de aprendizado e desenvolvimento da universidade e da sociedade. Enquanto não conseguimos atingir esta relação de reciprocidade, de comprometimento universidade/sociedade no âmbito do ensino e da pesquisa, continuaremos chamando de extensão uma infinidade de atividades realizadas pela universidade. São assim chamadas as atividades de estágios curriculares e extracurriculares, assessoramento e prestações de serviços às empresas, instituições ou movimentos sociais, atividades assistenciais na área da saúde e jurídica, dentre outras. Às vezes a extensão é reduzida a uma simples modalidade de prestação de serviços e, em outras, é capaz de provocar discussões e levantar questionamentos acerca dos reais problemas da sociedade, podendo provocar mudanças nos conteúdos e nos objetos de pesquisa.⁶

Na educação não formal as metodologias partem das necessidades do público atendido, do seu contexto social e até familiar, da sua própria realidade. Nesse sentido, Gohn destaca que:

Na educação não formal, as metodologias operadas no processo de aprendizagem partem da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo. O método passa pela sistematização dos modos de agir e pensar o mundo que circunda as pessoas. (2013, p. 18).

É importante destacar ainda que não podemos discutir a educação não formal sem dialogarmos sobre o perfil do profissional que irá trabalhar, ou mesmo trabalha, nestes espaços, e aqui provoço os licenciados em arte para a consciência desses espaços como campo de atuação em expansão para o licenciado em arte.

Os espaços não formais de educação contam, na maior parte de

⁶ Disponível em: <http://www.tribuna.com/artigo/a-extensao-universitaria-e-as-possibilidades-de-articulacao-com-o-ensino-e-a-pesquisa-3-80952>, acesso em 11 out. 2014.

suas composições, com uma equipe técnica, ou multidisciplinar, formada por assistentes sociais, psicólogos e pedagogos, contendo profissionais de algumas áreas da educação como professores, geralmente voltados para o ensino das artes, contemplando assim professores de música, teatro, dança e artes visuais, bem como profissionais licenciados para trabalhar a educação física, letras, fisioterapeutas, arteterapeutas, dentre outros. Geralmente, apesar desses profissionais terem o título de licenciatura em suas áreas, é fácil encontrar nas instituições profissionais sem formação nas áreas que atuam, muitas vezes somente com o nível médio, ou técnico, e ainda, profissionais que estão em formação. Este fato ocorre pelo simples fato de que é uma área de trabalho em expansão, pouco explorada nas universidades, gerando assim um interesse incipiente neste campo de trabalho por aqueles que estão em formação universitária ou já formados. Todavia estes profissionais são chamados de professores, ou educadores sociais outra reflexão necessária para refletirmos sobre a valorização docente, tão presente nos dias de hoje, porém ainda banalizada quando associada a profissionais sem formação acadêmica. Mas, qual o perfil profissional desse profissional? Gohn (2013, p. 20) contribui com essa resposta,

O educador social é algo mais que um animador cultural, embora também tenha que ser um animador do grupo. Para que ele exerça um papel ativo, propositivo e interativo, deve continuamente desafiar o grupo de participantes para a descoberta dos contextos e que estão sendo construídos os textos (escritos, falados, gestuais, gráficos, simbólicos, etc.).

Por isso, os educadores sociais são importantes, para dinamizarem e construir o processo participativo com qualidade.

Portanto um educador social não pode ser um sujeito apático, pois hora ele estará um papel de animador, hora terá que ter um olhar mais técnico a solucionar conflitos no grupo. Terá que aprender a lidar com vários tipos de pessoas e realidades distintas. Entretanto o educador social não pode esquecer que ele também terá que se preparar bem, estar em formação constante, buscar novas metodologias e pesquisar muito para desenvolver um trabalho de qualidade, gerando assim conhecimento aos participantes das atividades, aproximando-se significativamente da profissão docente.

Podemos trazer também a importância da educação não formal, e

sua contribuição na mudança dos cidadãos e das políticas públicas. Conforme Gohn,

Com as novas práticas sociais, categorias esquecidas, isoladas e desconsideradas, como crianças, jovens/ adolescentes e idosos também passaram a ter direitos a ter direitos. A organização destes segmentos sociais possibilitou a criação de uma pauta de reivindicações que se transformaram em leis e criaram uma nova jurisdição para o social. O Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei da Assistência Social, os diferentes conselhos, colegiados e outras estruturas de mediação entre o Estado e a sociedade civil, são exemplos vivos da conquista e da força da participação organizada. (2011, p. 91).

Contudo, Gohn (2011) nos trouxe a importância da educação não formal no desenvolvimento da população e na conquista de políticas de direito. Podemos ainda destacar o Estatuto do Idoso⁷ (BRASIL, 2003), e as leis que norteiam os trabalhos desenvolvidos com pessoas idosas, público com quem trabalho há mais de quatro anos. No caso de Criciúma, contamos com o único Centro de Convivência do Idoso do sul do estado de Santa Catarina. É administrado pela AFASC, que recebe uma verba federal do Ministério do Desenvolvimento Social – MDS que destaco na seção seguinte.

Quando menciono que os espaços de educação não formal são pouco explorados nas universidades, amparo-me na leitura e análise das matrizes curriculares dos cursos de licenciatura da UNESC. O único curso de licenciatura que tem uma disciplina que trata dos espaços não formais de educação é o curso de Artes Visuais, que contempla a disciplina de Estágio IV e busca desenvolver projetos de estágio em espaços não formais de educação, que no caso da Arte, pode estar em visitas mediadas a exposições e museus, em oficinas artísticas-culturais para o mais variados públicos, eventos artístico-culturais em espaços onde até então a Arte não chegava, como bares, comunidades rurais entre outros.

É um estágio diferenciado, onde podemos levar as linguagens da arte para fora dos muros universitários, estabelecendo vínculos com a comunidade, gerando assim conhecimento e educação na perspectiva do ensino, pesquisa e extensão, tripé que sustenta uma Universidade. Concordo

⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 25 out. 2014.

com Honorato e Reddig (2008, p. 2) destacam,

Nessa paisagem de uma educação voltada para a formação do sujeito, se faz necessário pintarmos uma história que valorize o homem como ser ativo, atuante e autor de sua própria história. Pensar esta educação, partindo do que se tem enquanto material e enquanto conhecimento, é o que o Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) propõe, no decorrer desta ação de quem acredita que podemos sempre avançar mais e melhor, quando a ação se faz acompanhada pela reflexão.

Contudo, através do Estágio IV, o acadêmico pode conhecer melhor os espaços não formais de educação, podendo assim estreitar sua relação com os mesmos. Apesar de o curso de Artes Visuais contemplar um estágio nestes espaços, acredito que poderíamos chegar nesta disciplina de estágio ainda mais preparados. Volto-me a minha experiência profissional, quando iniciei o trabalho com o idoso. A metodologia, didática, planejamento, conceitos e competências a serem desenvolvidas eram frágeis e isso poderia ser minimizado com a inserção de uma disciplina que discutisse essas questões.

4.1 O SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS PARA A PESSOA IDOSA DA AFASC – CRICIÚMA

Dentre os espaços não formais situados no município de Criciúma, contamos com diversas ONG's e espaços que oferecem os mais variados serviços a população. Em meu trabalho de conclusão de curso, destaco o Centro de Convivência do Idoso, o qual tem suas atividades norteadas pelo Caderno de Orientações Técnicas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Pessoas Idosas⁸, vinculado ao MDS - Ministério do Desenvolvimento Social do Governo Federal. É um serviço de direito do idoso desenvolvido pela Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma empresa privada, sem fins lucrativos que sobrevive de convênios e doações. Em outubro de 2014, o serviço contava com a participação de 2200 idosos distribuídos em 76 grupos de 68 bairros do município de Criciúma.

Siqueira reflete sobre as políticas de direito do idoso,

⁸ Disponível em: <http://www.feji.com.br/leis/legislacao-centro-convivencia.pdf> Acesso em: 26 Out. 2014.

Ser ativo e participativo após os 60 anos, de acordo com as próprias limitações e potencialidades, não pode ser considerado como um privilégio conquistado pelo indivíduo, mas um direito que o Estado deve garantir a seus cidadãos. A sociedade tem o dever de promover um ambiente no qual seus idosos possam desfrutar direitos e oportunidades, após uma vida dedicada a construção dessa sociedade. (2007, p. 209).

A AFASC traz como missão “despertar, estimular, proporcionar conhecimento e atender as necessidades básicas de todos os usuários”¹⁰ e por assim ser, justifica-se o trabalho com o idoso. Foi fundada no dia 05 de junho de 1973 pela então primeira dama do município Zulma Naspolini Manique Barreto e desde então a AFASC geralmente é presidida pela primeira dama do município de acordo com o que prevê o seu estatuto. (AFASC, 2014) No momento da realização de minha pesquisa é a então primeira dama do município Sra. Isabel Cristina Grijó Búrigo e tem como diretora executiva a Sra. Letícia Vieira.

A AFASC desenvolve trabalhos na área da Educação, por meio do Departamento de Educação Infantil – DEI, que administra 28 Centros de Educação Infantil nos mais variados bairros de Criciúma, atendendo 4,7 mil crianças de 0 a 6 anos. Também desenvolve trabalhos sociais via departamento de Assistência Social, com o Núcleo de Inclusão Produtiva (antigo Clube de Mães), o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Para a Pessoa Idosa, no qual desenvolve atividades no Centro de Convivência do Idoso e nos grupos de idosos nos bairros. Este departamento desenvolve ainda trabalhos com as crianças e adolescentes dos Centros de Referência e Assistência Social - CRAS, através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos de 6 a 17 anos em parceria com a Secretaria de Assistência Social do município, com atividades artísticas, culturais e esportivas para crianças e adolescentes.

Além desses serviços conta ainda com a AFASC Ritmo e Saúde, no qual promove aulas de ginástica e zumba nos bairros da cidade e a Central Funerária, que organiza o rodízio dos plantões das funerárias do município além de fornecer urnas funerárias a pessoas em vulnerabilidade social.

¹⁰ Disponível em: http://www.afasc.com.br/quem_somos. Acesso em: 26 out. 2014.

Esses serviços totalizam um atendimento aproximado a 30 mil usuários no município a partir de um universo de mais de 1000 colaboradores/funcionários da instituição. (AFASC, 2014).

Conforme destacado anteriormente o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para a Pessoa Idosa, desenvolve atividades voltadas para o público da terceira idade, promovendo aos mesmos qualidade de vida, através de oficinas e atividades em grupo que visam fortalecer os vínculos do grupo e a autonomia do idoso com a sociedade em si.

O serviço conta com um gerente, duas coordenadoras pedagógicas, uma assistente social, duas psicólogas, dois professores de teatro, três professores de educação física, um professor de informática, três professores de música, uma professora de dança, uma professora de artes, uma fisioterapeuta, uma arte terapeuta e uma massoterapeuta, sendo que os profissionais com habilitação em licenciatura são registrados como professor. Esta equipe recebe um cronograma semanal e cada tarde visitam um grupo para desenvolver atividades que competem a sua área.

Vale ressaltar que destes profissionais, três são pós-graduados, quatro são graduados, três estão cursando o ensino superior e dois não cursam o ensino superior. Sendo sete profissionais habilitados na área em que atuam e três estão cursando o ensino superior e em breve estarão habilitados em suas respectivas áreas.

O serviço conta também com treze facilitadoras no qual trabalham diretamente nos grupos nos bairros, e ainda uma secretária, uma cozinheira e duas serviços gerais que trabalham exclusivamente no Centro de Convivência do Idoso.

Portanto, o Serviço de Convivência oferece ao público idoso, uma série de atividades como: bailes, palestras, passeios, além de oficinas, que contemplam a dança, educação física, artesanato, arte-terapia, música, informática e teatro. No caso das oficinas o caderno do idoso trata como temas transversais as modalidades e linguagens exploradas em cada modalidade. Sobre as artes o caderno do serviço destaca que:

Memória, arte e cultura é o tema transversal que versará sobre a importância da memória na vida da pessoa idosa, a arte e a cultura enquanto manifestação individual e coletiva. Serão propostas atividades práticas que envolvam rodas de conversa sobre histórias de vida e da comunidade, desenvolvimento de habilidades artísticas e

culturais, utilizando recursos lúdicos e pedagógicos, e realização de oficinas artísticas e culturais, como dança, trabalhos manuais, etc. será privilegiado a expressão artísticas e cultural das pessoas idosas, a partir de seus interesses, experiências e conhecimentos, sendo valorizado a contribuição das pessoas idosas nas atividades, fortalecendo sua participação, capacidade de escolha e decisão. Serão criadas oportunidades de interação com a comunidade, incluindo a participação de pessoas de outras gerações nos encontros, como forma de promover a convivência intergeracional e comunitária. (BRASIL, p. 59-60).

Mais qual tipo de idoso temos hoje? O Caderno de Orientações Técnicas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para a pessoa Idosa, destaca três tipos de idosos na atualidade, o primeiro consiste em “ As pessoas que já atingiram a idade de 60 anos, entretanto, ainda não vivenciam as principais características dessa fase.” (BRASIL, 2012, p. 13), ou seja, são pessoas que ainda estão levando uma vida extremamente ativa em todos os âmbitos de sua vida.

O segundo tipo de idoso que o caderno destaca, são aqueles idosos aposentados, porém que ainda cuidam de suas casas, ainda são os chefes no seu núcleo familiar, porém já sentem os reflexos do avanço de suas idades. E por fim o terceiro tipo de idoso, o caderno destaca que “[...] aquela pessoa com idade mais avançada vivencia uma limitação funcional, com dependência, com perda de autonomia e do papel social e familiar [...]. Portanto ao trabalharmos com idosos, num único grupo teremos todos estes tipos de idosos.

Ao trabalharmos em um espaço não formal como o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para a Pessoa Idosa, temos que pensar em oficinas envolventes e dinâmicas, levando em consideração que o público idoso é diferente de crianças, jovens e adultos, é o que se propõe o texto seguinte, onde tomo como análise a oficina que desenvolvo há mais de cinco anos na AFASC.

4.2 O IDOSO COMO SUJEITO DA APRENDIZAGEM: OFICINA DE TEATRO

Ao desenvolver um trabalho com o idoso, desde 2010, percebi um crescimento significativo da população idosa nas oficinas, fato que também se comprova nos dados do último censo. Conforme contempla Vellas (2009, p. 11) ao destacar o crescimento da população idosa: “Primeiramente elas constituem

a sua maneira, uma nova onda demográfica, em razão do prolongamento da vida e da diminuição da idade da aposentadoria”.

Com o crescimento da população idosa no Brasil, programas e projetos surgem a cada ano com o intuito de proporcionar qualidade de vida e aprendizagem a idoso. Em Criciúma, um desses projetos iniciou em 2010, com o título de Projeto Vida. Neste projeto, existiam diversos tipos de oficinas como teatro, música, educação física, entre outras ações que a princípio levavam mais bem estar ao idoso. Na época o projeto atendia 27 grupos de idosos vinculados a AFASC.

A Oficina de Teatro iniciou em 2010 como uma das oficinas do projeto. Desde o início o teatro foi bem aceito nos grupos de idosos, pois desenvolvia oficinas onde levava uma personagem criada especialmente para o projeto chamada Dona Arlinda(Figuras 1 e 2). Uma personagem que falava dos problemas rotineiros da vida do idoso, principalmente sobre o desrespeito ao idoso no transporte publico, na fila do banco, no seu dia dia.

Figura 1 Dona Arlinda no grupo de idosos.



Fonte: Zilma Checheto.

Figura 2: Dona Arlinda com os idosos.



Fonte: Zilma Checheto.

Figura 3: Jogo teatral “O Pato”.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Cada tarde apresentava em um grupo diferente, e logo depois conversava com os idosos sobre o processo de criação da personagem e depois aplicava jogos teatrais.

Enquanto metodologia utilizava os jogos teatrais (Figuras 3, 4 e 5) amparado nos estudos de Japiassu. De acordo com o autor,

A finalidade do jogo teatral [...] é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. (2012, p. 26).

Em 2011, sai do Projeto Vida e fui trabalhar em outros grupos de idosos da AFASC que não faziam parte do projeto. Iniciei com a mesma proposta de apresentações da Dona Arlinda, para que os idosos tivessem contato com o teatro e assim facilitasse o processo de experiência com essa linguagem. Durante esses quatro anos a oficina utilizou os jogos teatrais como metodologia de trabalho, no qual, percebi o desenvolvimento corporal e expressivo dos idosos através dos jogos.

Figura 4: Jogo teatral expressões faciais.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Figura 5:Jogo teatral do “espelho sentados”.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Em 2012, foi inaugurado o Centro de Convivência para a Terceira Idade, localizado na rua Honório Búrigo, nº1000 bairro Mina Brasil. Com a inauguração, o departamento de grupo de idosos se desvinculou do departamento de clube de mães e passou a operar no Centro de Convivência. Neste mesmo momento, eu já cursava Artes Visuais na UNESCO, e passei a me dedicar com mais organização nas minhas oficinas e ações, sempre pensando em proporcionar ao idoso experiências e aprendizagens acerca da linguagem do teatro utilizando os conhecimentos adquiridos nas disciplinas cursadas.

Na oficina, os idosos tiveram o contato com a linguagem no intuito de desenvolver o corpo, a mente, a respiração, a percepção, a desinibição, o raciocínio lógico e o fortalecimento dos vínculos dos integrantes dos grupos através de jogos teatrais. O teatro também foi utilizado como ferramenta a levar informações aos idosos, com a personagem Dona Arlinda, que falava dos problemas cotidianos dos idosos, o Sr. Gordo, (Figuras 6 e 7), uma parceria com a nutricionista da AFASC para fazer os idosos entenderem a importância da alimentação saudável. E por último, no ano de 2012 tivemos o “Visitando a Vovó”, (Figuras 8 e 9), uma peça onde interpretei a Vovó Cocóta. Esta peça foi em parceria com a fisioterapeuta do Serviço, onde tinha como objetivo auxiliar na prevenção às quedas. O teatro também esteve presente na montagem de pequenos esquetes teatrais, onde os idosos eram os atores, proporcionando

assim ao idoso e vivência de estar em cena.

Figura 6:peça “O senhor Gordo”.



Fonte: Fabrício Teodosio.

Figura 7:Peça “O senhor Gordo”.



Fonte: Fabrício Teodosio.

Figura 8: Peça “Visitando a Vovó”.



Fonte: Valmiria Brigido.

Figura 9: Peça “Visitando a Vovó”.



Fonte: Valmiria Brigido.

Tavares nos trás a seguinte reflexão:

Nas ações culturais mencionadas o teatro ganha, além de sua dimensão de educação estética, a dimensão sócio-política por possibilitar o acesso da maioria da população a bens simbólicos restritos apenas às classes dominantes, desencadeando um processo de democratização da cultura e a ampliação da cidadania. (2004, p 21).

Não foi uma trajetória fácil, pois lá no ano de 2010, no início dos trabalhos com os idosos, e até nos dias de hoje, são poucos os textos e publicações que norteiam o desenvolvimento da linguagem com este público. Esta sem dúvida foi uma das dificuldades encontradas ao longo do percurso da oficina.

Inicialmente, pensei nas atividades, levar aos idosos os jogos teatrais, contextualizando com a linguagem. Porém ao pesquisar os jogos, percebi que a maioria eu precisaria adaptar, pois em um único grupo, teria várias características de idosos, aqueles com problema de visão, alguns que não foram alfabetizados, outros com limitações nas pernas e braços, e sem contar que num único grupo temos idosos de 60 a 90 anos.

Portanto, para buscar a atenção dos idosos para o teatro, que no contexto deles era algo bastante distante, percebi a necessidade de se ter um olhar sensível e adaptar os jogos de forma onde todos pudessem participar. Não podemos deixar de ressaltar que o idoso algumas vezes é conservador, portanto, tanto nas atividades, quanto nas peças que foram montadas, além das esquetes onde os idosos atuaram, sempre me preocupei em dialogar essas ações com o próprio contexto do idoso. Conforme Doll (2007, p. 111) nos trás:

As atividades desenvolvidas pelas pessoas idosas precisam ter significado vital, dependendo da biografia e das condições de vida de cada um. A leitura pode ser altamente significativa para alguém acostumado de fazê-la, mas um passatempo ocasional para os não aficionados. Para que uma atividade seja significativa, ela precisa ter algum vínculo com a identidade da pessoa: profissão, biografia, metas, ideais, valores.

Doll (2007) nos trás como exemplo o exercício da leitura, mas facilmente podemos pensar em outras atividades. Quanto mais relações com o dia a dia do idoso a atividade tiver, mais fácil de se desenvolver um bom trabalho no qual eles se identifiquem e torne-se uma experiência significativa.

Trago como exemplo a Dona Arlinda, a personagem caiu no gosto dos idosos, pelo seu texto divertido onde falava dos problemas do idoso, como principalmente o desrespeito com a pessoa idosa. Cada vez que eu tirava a roupa da personagem, e voltava para conversar com o grupo, sempre se iniciava uma conversa onde os idosos relatavam que viviam diariamente tudo que a personagem contava na apresentação. Com os outros trabalhos também aconteceu o mesmo, muitos idosos vieram dizer que se alimentavam mal depois de assistir ao Sr Gordo. E quantos outros que relataram que iriam tirar os tapetes da casa depois de assistir Visitando a Vovó.

Ainda refletindo sobre a montagem e construção dos personagens, destaco também as esquetes teatrais montadas em alguns grupos nos quais os idosos participaram tanto da construção do roteiro, quanto da montagem, e foram instruídos na montagem de seus próprios personagens, como no caso da esquete “Grupo de princesas da terceira idade” (Figuras 10 e 11), que mostra o dia a dia de um grupo de idoso formado pelas princesas: Bela Adormecida, Cinderela, Branca de Neve, Chapéuzinho Vermelho, entre outras, sendo que todas estão na terceira idade. Outra esquete montada foi denominada de “As Dorotéias” (figuras 12 e 13), que conta a história de duas idosas que vão a rodoviária encontrar seus noivos para casar, porém quando ele desembarca do ônibus elas descobrem que estão esperando o mesmo noivo e neste momento a confusão se inicia. Todas as esquetes montadas foram de histórias trazidas pelos membros do próprio grupo.

Figura 10: Peça “Grupo de princesas da terceira idade”.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Figura 11: Peça “Grupo de princesas da terceira idade”.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Figura 12: Peça “As Dorotéias”.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

Figura 13: Peça “As Dorotéias”.



Fonte: Arquivo do pesquisador.

No entanto, sentia necessidade de romper a construção do personagem e pensar o teatro enquanto linguagem, passível de ensinar, aprender e refletir sobre suas especificidades.

Esta relação se deu na articulação da oficina com os jogos teatrais, de improviso, construção de personagens, dinâmicas de grupo, reflexões sobre espetáculos, formação de plateia.

Assim consegui com que os idosos participassem com mais interesse dos jogos e passei a ver a importância dos mesmos na rotina dos grupos de idosos. De acordo com Spolin (2010, p.21) “o jogo instiga e faz emergir uma energia do coletivo quase esquecida, pouco utilizada e compreendida, muitas vezes depreciada.”

Outro fator importante da oficina de teatro e do idoso, é que no decorrer desses anos de trabalho, percebi um desenvolvimento gradativo dos conteúdos do teatro entre os grupos.

Essa perspectiva corrobora com os estudos de Ribeiro, quando,

Considerando-se que a educação deve ter como principal objetivo a libertação do indivíduo, que por meio da formação e informação tem conhecimento do meio no qual está inserido, podendo assim, atuar no

mesmo, a seu favor, o ensino do teatro passa a ter uma importância muito grande já que o teatro, entendido não só como um espaço reservado a representação, mas como um espaço que possibilita a experimentação, proporcionando às pessoas, independente de idade, um auto-conhecimento, tendo noção de seus limites e potencialidades, podendo assim transpô-los. (2004, p.70).

Por fim, as oficinas de teatro realizadas com os idosos atendidos pelo Programa de Fortalecimento de Vínculos, tem possibilitado a formação de plateia, a experimentação da linguagem na perspectiva dos jogos teatrais e de improviso. Além disso, os mesmos se descobrem através da arte do teatro, reconhecendo seu corpo, sua voz, suas percepções, e assim gerando conhecimento e desenvolvendo a retomada de sua autonomia.

5 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES VISUAIS E SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Durante a sua formação inicial, o professor de Artes Visuais passa por diversas vivências, estudos e pesquisas com o objetivo de prepará-los para um mercado de trabalho, geralmente voltado para a educação formal, percebo isso não somente no curso de Artes Visuais, mas em todos os cursos de licenciatura, ao ter contato *on line* com as matrizes curriculares dos mesmos. Mas e se pensarmos os espaços não-formais. São espaços possíveis para atuação do licenciado em arte? Quando penso em educação, lembro-me da pesquisa de Meira (2014, p. 55) que destaca:

Se a educação é cultivo de modos de expressão, não só as livres, ela se compromete com um processo formativo do caráter das pessoas, com sua habilidade para lidar com seu próprio imaginário em relação ao imaginário coletivo, a prazeres e dores da sua época.

Assim como nos contempla Meira (2014), enquanto aos professores de Artes Visuais, quando dialogamos sobre sua atuação e campo de trabalho, logo nos vem a mente fazer concursos e nos efetivarmos como professores da educação básica ou mesmo superior. Muitas vezes passa-nos despercebido as inúmeras possibilidades de espaços possíveis para exercício de nossa profissão até mesmo porque as matrizes curriculares dos cursos não contemplam, ou em pouco evidenciam disciplinas que possam discutir metodologias, conceitos e espaços não-formais de educação, ainda que em Artes Visuais – Licenciatura, realizamos estágio obrigatório conforme mencionado anteriormente.

A atuação do professor de Artes Visuais em um espaço não formal de educação contempla as mesmas necessidades da educação formal, porém tendo de certa forma mais autonomia na escolha de conteúdos, métodos e processos avaliativos ou ainda mais tempo para as aulas, pois geralmente trabalha-se com oficinas. Mas os alunos são os mesmos, as vezes muda, a faixa etária, as condições físicas e mentais, dependendo da instituição ou ONG no qual o professor for atuar, porém as necessidades e competências do professor são basicamente as mesmas da educação formal, dentre elas,

conhecimento das especificidades de sua área de formação, conhecimento das leis e normas que regem determinada instituição, didática, domínio de turma.

Um professor, voltado para o entendimento, leva em conta o fato de os alunos terem oportunidades diversas para aplicarem seus conhecimentos de novas e diferentes maneiras, construindo novos caminhos. O importante não é levar os estudantes a dominarem cada área em profundidade, mas recorrer aos modos de pensar de cada uma para vir a entender o mundo. (ISAIA, 2006, p.39).

A autora nos proporciona uma reflexão sobre a atuação do professor, levando em consideração o fato de o professor ter que aproveitar as oportunidades que possam surgir na sala de aula ou num espaço de oficina, aprofundando-se em sua área de conhecimento e despertando com suas aulas o olhar do aluno para os contextos pessoais e do mundo.

Contudo, o professor precisa estar preparado para atuar em qualquer espaço educacional, precisa estar em constante formação objetivando qualificar permanentemente sua ação pedagógica. Isaia (2006, p. 39) também destaca que “Não basta propor um entendimento genuíno para o trabalho escolar se a formação do professor, inicial ou continuada, não privilegiar estratégias que lhe possibilitem construir uma mente disciplinar”. Estratégias, metodologias de trabalho, planos de aula com conteúdos e atividades bem delineadas são de suma importância para qualquer professor que venha a trabalhar em qualquer espaço educacional.

Para o professor de Artes Visuais, o campo de trabalho pode ser mais amplo, em especial em um momento em que a história e as vertentes de arte encontram-se híbridas, com menos fronteiras e mais presentes nos contextos sociais. Nesse aspecto o PPC- Projeto pedagógico do Curso de Artes Visuais¹¹ contempla discussões acerca da atuação profissional do licenciado em arte:

Além do ensino formal na rede pública e privada hoje, os professores de Artes Visuais passam a atuar cada vez mais em contextos de ensino não formal. Seja como mediadores de exposições em museus, galerias de arte, produtores culturais em ateliês, organizando eventos e projetos sociais, em oficinas de arte ou como professores de artes em Organizações não governamentais (UNESC, 2014, p.22).

¹¹ Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/42/arquivos/ppc_-_artes_visuais_-_licenciatura.pdf. Acesso em: 02 nov. 2014.

Contudo, assim como na escola, nos espaços não formais de educação, o professor precisa conhecer bem seus alunos ou público alvo de uma oficina, um museu, um projeto, dentre outras possibilidades.

O professor, neste sentido, encontra seu maior desafio na necessidade de saber como seus alunos realmente são, isto é, que competências, destrezas, forças ou fraquezas apresentam, que interesses os impulsionam e em que domínios, pondo em funcionamento sua inteligência pessoal. Somente desse modo poderá comunicar uma história capaz de colocá-los em movimento. (ISAIA, 2006, p.42).

Conforme já mencionado, as possibilidades de atuação do professor de Artes Visuais é bem ampla, contudo, estamos num momento de crescimento dos espaços não formais de educação, e as universidades precisam acompanhar este crescimento, formando o professor não apenas para o espaço escolar, mas para outros espaços, como Ongs e instituições que trabalhem com idosos, deficientes físicos e mentais, pessoas em vulnerabilidade social, promovendo conhecimento, educação e cidadania também nestes espaços.

Portanto, o Art. 20 do Capítulo V do Estatuto do Idoso¹² aponta que “o idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.” Dessa forma, é preciso respeitar o estatuto e promover a cultura e a arte ao sujeito idoso, essa com certeza é uma das funções do professor de Artes Visuais ao trabalhar com o idoso, independente da linguagem.

Estamos tratando de espaços não formais de educação, geradores de conhecimentos e transformações sociais nos cidadãos, neste momento não trago apenas o sujeito idoso, mas o deficiente físico ou mental, o presidiário, os sujeitos em vulnerabilidade social. Falo dos espaços não formais como um todo. Contudo me questiono se o curso de Artes Visuais da Unesc, contempla estes espaços educacionais? Para pensar sobre estas questões, trago o Perfil Gráfico das Disciplinas (UNESCO, 2014) para analisarmos.

¹² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 02 nov. 2014.

Figura 14: Perfil Gráfico das disciplinas do Curso de Artes Visuais Licenciatura.



Fonte: UNESCO, 2014.

Podemos analisar que as disciplinas do curso são divididas em núcleos (saberes docentes, linguagens, teorias da arte e comum). Os núcleos formam as conexões trabalhadas no desenvolvimento do perfil profissional do egresso.

A disciplina de Estágio IV vincula-se aos espaços não formais, que aparece mencionado enquanto possibilidade de atuação profissional do licenciado em arte, não esquecendo que o foco do curso é no exercício da docência para a Educação Básica. As disciplinas que envolvem as linguagens promovem exercícios de criação e reflexão sobre a produção em arte, olhando os diferentes públicos. No entanto, acredito que seria importante pensar conceitos, metodologias mais específicas para a atuação nos espaços não formais, visto que o Estágio IV é realizado na oitava fase do curso (matriz 04).

Entendo que as metodologias que antecedem os estágios na Ed. Infantil, Anos Iniciais e Finais e Ensino Médio contribuem significativamente no exercício da docência, algo que não ocorre com os espaços não formais.

Partindo do embasamento teórico dos capítulos anteriores, percebo o crescimento destes espaços não formais de educação como um promissor campo de trabalho. Entretanto, será que os acadêmicos de Artes Visuais estão conseguindo enxergar este campo de trabalho? Proponho esta discussão no capítulo seguinte que apresente e reflète a análise de dados.

6 APRESENTAÇÃO DE ANÁLISE DE DADOS

Conforme contemplado no percurso metodológico da pesquisa (capítulo 2), promovi com os bolsistas do PIBID, subprojeto de Artes Visuais uma roda de conversa a partir de uma entrevista semiestruturada. A escolha desse grupo deu-se pelo fato de estarem em formação e abrigar acadêmicos de diferentes fases do curso de licenciatura. Portanto, realizei uma entrevista para buscar respostas, desdobrar questionamentos e estabelecer reflexões para o problema de pesquisa: quais os desafios e as possibilidades metodológicas do professor de Artes Visuais ao desenvolver uma oficina artístico-cultural para a terceira idade?

Participaram do encontro 16 bolsistas sendo que apenas 06 responderam a entrevista. Destes, 02 acadêmicos da quarta fase (Rosana e Danieli), 03 acadêmicos da sexta (Leonardo, Débora e Silvana) e 01 acadêmica da oitava fase (Beatriz). Antes de iniciar o encontro esclareci o motivo da reunião e agradei aos coordenadores de área por disponibilizarem desse momento para efetivação de minha pesquisa.

Os bolsistas serão identificados com seu nome real a partir de autorização para uso de escrita e imagem disposta no anexo B.

Encontrei o grupo no ateliê de pintura do curso de Artes Visuais no dia 29 de outubro de 2014. Iniciei mostrando os vídeos dos exercícios realizados nas oficinas de teatro, e do ensaio da esquete teatral “Grupo de princesas da terceira idade” desde 2010 quando ingressei na AFASC. Pedi que observassem as imagens com atenção e cuidado pois elas norteariam nossa conversa.

Fiquei prestando atenção nas reações dos bolsistas ao verem os vídeos. Eles prestaram muita atenção, estavam com um olhar de curiosidade, em alguns momentos riam e achavam graça e em outros ficavam sérios.

Após todos os vídeos serem mostrados, estabeleci uma conversa sobre o material assistido a partir de um roteiro semiestruturado, disposto no anexo C. Escolho a entrevista, pois de acordo com Minayo (2013, p.65) ela é,

[...] uma representação da realidade, ideias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos maneiras de sentir; maneiras de atuar; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou

inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos.

Iniciei perguntando o que viram nos vídeos e imagens? Todos identificaram como sendo grupos de idosos de diferentes bairros. Rosana destaca *“não imaginava que eles eram tão dispostos.”*¹³ Leonardo acrescenta que *“o idoso ali mostra o contrário do que todo pensa que é o idoso, todos achamos que o idoso é devagar cheio de limitações, mas os vídeos mostram o contrário”*. Beatriz acredita que *“o idoso pareceu mais receptivo nas atividades, se entregam mais que crianças. Parece ser mais fácil lidar com os idosos do que com crianças”*. Ao perguntar se eles identificaram o lugar onde foram capturada as imagens, os bolsistas responderam que parecia ser um centro comunitário.

Ao perceber a reação inicial do grupo, trago de volta a conversa o Caderno de Orientações Técnicas do Serviço de Convivência do Idoso, onde destaca três tipos de idosos atualmente, aquele ativo que recém chegou aos 60 anos, cheio de gás e vitalidade; aqueles de aproximadamente 70 anos, onde ainda tem gás e vitalidade, porém já não tanto como antes, e os acima dos 80, onde já estão mais frágeis e mais suscetíveis a doenças.

Desta forma, concordo com o Caderno de Orientação quando destaca que:

Apesar desta fase da vida caracterizar-se de, uma maneira geral, por perdas e ganhos na capacidade física do organismo, ela não pode ser reduzida a uma fase de doença ou de declínio. Dependendo da maneira que a pessoa vive, poderá ser saudável, ter vitalidade e mais energia do que pessoas jovens que vivem muito cansadas, sob pressão do trabalho. A pessoa idosa, poderá vivenciar a etapa da vida em que se encontra alcançando uma melhor qualidade de vida do que a que tinha em sua juventude, pois poderá ter uma maior atenção com seu corpo, um cuidado consigo mesmo que produza uma vivência de bem estar e saúde. (BRASIL, 2012, p.13).

Seguimos com meu questionamento sobre o perfil dos idosos envolvidos no vídeo. Beatriz destaca: *“São idosos extremamente ativos.”* Rosana observa que *“A maioria dos participantes são mulheres, acho que os homens não gostam do grupo.”* E Leonardo contempla *“são idosos ativos que entram na brincadeira”*. Questionei o grupo se percebiam essas atividades

¹³ As falas destacadas em itálico referem-se as falas dos bolsistas participantes da pesquisa.

como possibilidade de ensino das artes visuais e do teatro. O grupo entende que sim. Danieli ressalta *“tem ensino de arte, pois além de desinibir o idoso ainda gera conhecimento.”* Leonardo corrobora com Danieli *“sim, pois eles representam algo que não são eles, faz eles vivenciarem novas emoções.”*

Ainda nesse enredo questionei o grupo se percebiam diferenças ou semelhanças na metodologia utilizada na proposta, se comparada com o ensino formal de arte? Leonardo diz que *“a diferença esta no espaço, a sala de aula tem a característica de sala de aula formal, engessada, ali o espaço deixa o professor mais livre para desenvolver o trabalho.”* A bolsista Silvana acrescenta *“existe semelhança, pois idoso é igual criança”.* Beatriz argumenta *“existe mais diferenças do que semelhança, pois o público é diferente, idosos tem limitações.”*

A questão gerou um debate entre os bolsistas. Leonardo acrescenta que *“eu acredito que não podemos usar a mesma metodologia, pois os idosos são diferentes das crianças, pois como fazer um jogo teatral de aquecimento se nem todos os idosos levantam os braços? Como fazer uma montagem de uma esquete se nem todos conseguem ler? Temos que fazer um planejamento adaptando algumas atividades para contemplar todos os idosos, os que não têm limitações e os que tem”.* Beatriz complementa *“a questão que o Leo levantou influencia na nossa metodologia, talvez se colocássemos estes idosos em uma sala de aula eles não estariam tão a vontade, essa é uma grande diferença dos dois locais”.*

O grupo compreende que há semelhanças e diferenças em metodologias utilizadas com idosos e crianças. No entanto, o primeiro aspecto que devemos levar em consideração é conhecer o grupo com o qual trabalhamos. Independentemente da faixa etária é preciso conhecer o sujeito. No caso dos idosos, Doll enfatiza,

Comparando o grupo que nunca foi a escola com aqueles que freqüentaram ensino médio ou superior, percebem-se diferenças, principalmente nas atividades que exigem o uso da língua escrita, com as quais os mais escolarizados se envolvem mais. Em leitura, a taxa de envolvimento daqueles sem instrução é de 8%, ao passo que aqueles com nível médio/superior alcançam uma taxa de 86%.(2007 p.112).

Tratamos das metodologias com idosos de forma diferenciada, a

contemplar todos os idosos que integram o grupo. Vivemos uma fase de transição, há 4 anos atrás em um grupo com 20 idosas, pelo menos 15 não sabiam ler nem escrever, hoje em dia já temos nos grupos um número expressivo de idosos alfabetizados. Estamos passando por um período de transformação dos nossos idosos, e isso reflete na preparação do profissional em relação a sua metodologia.

A conversa seguiu questionando se eles perceberam relações entre as linguagens. Silvana disse que *“sim, principalmente nos jogos teatrais no qual usaram imagens de obras de arte para os idosos praticarem os jogos, ali o teatro se relaciona com as artes visuais.”* Rosana contempla que *“no ensaio da esquete e até na apresentação, o professor pode dialogar com os elementos visuais e a estética da apresentação”*. Leonardo acrescenta que *“nos jogos os idosos precisaram usar a criatividade e imaginação para usar a expressão corporal, dali podemos buscar elementos visuais, ou fazer uma outra atividade de outra linguagem relacionando com o exercício.”*

Mais uma vez trago a arte enquanto conceito rizomático, onde suas linguagens se entrelaçam, se comunicam. Como numa oficina de teatro, pode-se relacionar as atividades com imagens de obras de artes, com filmes, com reproduções teatrais, podendo assim despertar no idoso, o interesse de conhecer outras linguagens. Portanto, me faz concordar com Oliveira (2008, p.85):

Sem pretender aprofundar a análise dessa visão rizomática, portanto, tomamo-la para estabelecer uma analogia com os múltiplos sistemas de “linguagens” estéticas que, sob a luz deste conceito, podem se organizar co-relacionadamente; e remetemos o leitor interessado em continuar a conhecê-la ao original.

O próximo bloco de questões envolveu reflexões relacionadas ao campo de atuação profissional do professor de Artes Visuais. Início perguntando se eles sentem-se aptos para trabalhar com esse perfil de público? Beatriz responde que *“não, pois o curso enfatiza muito pouco os espaços não formais de educação”*. Daniele diz que *“precisaria estudar e ler muito sobre idoso para poder trabalhar com eles”*. Leonardo também entende que *“não, pois em quatro anos de faculdade pouco se fala destes espaços.”*

As falas dos bolsistas do PIBID me fazem retornar ao PPC de Artes

Visuais, onde percebo os espaços não formais de educação citados como campo de trabalho do professor de artes.

Dessa forma estará apto a produzir e mediar conhecimentos para o ensino de arte em espaços formais e não formais de educação, conduzindo o processo de ensino aprendizagem nos contextos e relações que envolvem a arte na contemporaneidade, contribuindo para a qualidade do ambiente de vida das pessoas. (UNESCO, 2014 p.25).

O PPC realmente trás em alguns momentos os espaços não formais de educação. Porém o crescimento dos espaços não formais de educação é notável em todas as áreas, seja com idosos, crianças, pessoas com deficiências, fato que me leva a pensar na necessidade de discussões mais específicas.

Perguntei ainda se eles reconhecem este espaço como um campo de atuação profissional para licenciado em arte? Rosana diz que *“sim apesar do curso não contemplar este espaço.”* Rosana é acadêmica da quarta fase do curso e ainda não realizou o estágio IV em espaços não formais, logo, a completude do curso pode modificar seu olhar. Beatriz contempla que *“sim, pois seria um grande desafio para um professor de artes trabalhar com este público.”* Débora acredita que *“sim, desde que a gente se prepare para este trabalho.”*

Pensar no espaço não formal de educação enquanto campo de trabalho, requer do professor de artes o estudo, a pesquisa e a leitura, para se preparar melhor para desenvolver este trabalho. Assim concordo com Freire (2011, p. 30), *“Concluindo essas reflexões em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e re-escrita do lido[...]”*. O autor destaca a importância da leitura, não uma leitura devoradora de palavras, onde não se assimila informação alguma, mas uma leitura significativa, dedicada, a ponto de acrescentar positivamente na práxis diária.

E para finalizar, trouxe a seguinte pergunta: vocês acham que o curso de Artes Visuais, em sua matriz curricular, prepara o acadêmico para atuação em espaços não formais de educação? Leonardo iniciou dizendo que *“não, por que apenas o estágio IV não comporta estes espaços e não nos prepara adequadamente.”* Logo pedi para que dessem sugestões de como o

curso poderia nos preparar. Debora diz que *“o curso poderia por uma disciplina que falasse desses espaços.”* Rosana completa, *“quem sabe uma metodologia um semestre antes do do Estágio IV.”* Beatriz finaliza *“as disciplinas práticas poderiam ensinar a gente a não apenas fazer planos de aula referente aquela linguagem, mas também podia ensinar a fazermos projetos de oficinas.”*

Concordo com meus colegas de PIBID. O curso realmente trás pouco da educação não formal para os acadêmicos. Contudo, alguns questionamentos seguem comigo, como por exemplo, por que as disciplinas de ateliê não enfocam na metodologia de ensino para os dois campos de educação? Quem sabe repensar a matriz inserindo uma disciplina, ou ementas em disciplinas que possam aprofundar ainda mais essas questões?

Contudo, a pesquisa trouxe alguma das respostas e abriu inúmeros questionamentos onde de acordo com Carvalho,

Pesquisa, antes de mais nada, constitui um dialogo com a realidade, culminando com a criatividade e criticidade diretamente ligadas ao desenvolvimento da capacidade de elaboração própria do conhecimento e da atitude de aprender por e para a emancipação. (2002, p.29)

Os espaços não formais de educação são espaços de amplitude e crescimento para atuação do professor de artes. O curso de Artes Visuais, tem em sua matriz curricular disciplinas como Linguagem Musical e Educação, Linguagem Teatral e Educação, Performance e Intervenção e outras disciplinas que fazem o curso ser completo, habilitando o profissional a desenvolver aulas em escolas, ou oficinas em espaços não formais referente a essas linguagens, no entanto o currículo é movimento e precisamos estar o tempo todo acompanhando o estado da arte e seu ensino.

6.1 PROJETO DE CURSO: O DIÁLOGO COM A EXTENSÃO

6.1.1 Título

Arte em espaços não formais: oficina de teatro com idosos.

6.1.2 Ementa

Concepções sobre a pessoa idosa e os espaços não formais de

educação. Estatuto do Idoso. Caderno de Orientações (MDS). Extensão Universitária. Metodologias para o ensino das artes visuais e do teatro para a pessoa idosa.

6.1.3 Carga horária

12h/a.

6.1.4 Público alvo

Acadêmicos e egressos do curso de Artes Visuais – Licenciatura.

6.1.5. Justificativa:

Durante o percurso dessa pesquisa, percebi a necessidade de explorar com mais amplitude os espaços não formais de educação enquanto possibilidade de atuação profissional para acadêmicos formados em Artes Visuais – Licenciatura. Portanto, concordo com a definição de espaço não formal trazida por Vercelli,

A educação não formal é aquela que se aprende no cotidiano, na relação com diferentes pessoas, pela experiência e em espaços fora da escola, em locais informais onde há processos de interação e intencionalidade na ação, na aprendizagem e na transmissão e troca de saberes. A educação não formal abre possibilidades de conhecimento sobre o mundo que rodeia os indivíduos e suas relações sociais. (2005, p.1).

Partindo do que nos trás o autor, reconheço o espaços não formais como lugares de atuação profissional. Ao pensar nestes espaços, proponho para este projeto refletir sobre a metodologia para oficinas de teatro com pessoas idosas. É importante ressaltar que o público idoso ativo no Brasil vem aumentando e de acordo com o Caderno de Orientações Técnicas do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Pessoa Idosa, “[...] cerca de 4,9% tem 70 anos ou mais [...] para 2050 apontam para 22,71% da população com mais de 65 anos” [...] (BRASIL, 2012, p.9). Contudo, o professor precisa se reciclar e pesquisar mais sobre o sujeito idoso, a ponto de poder refletir sobre este público e montar um bom planejamento de trabalho.

Ao juntar esses dois elementos, idoso e espaços não formais de educação e o ensino da arte, compreendo que o ensino pode estar em

qualquer espaço, gerando conhecimento e transformação social, não importa o lugar.

É o convite da arte que chega, chamando ao ensaio de novos ares, ao dar-se conta do olhar, do ato de contemplar uma pintura, de entrar na dança, arriscando passos, de fazer, experimentar, sentir a sensação de caos, da frustração, do erro e também a satisfação da realização, do acerto. Arte é isto: totalidade! É também um conhecimento em si, não pode ser pretexto pra nada. O conhecimento artístico-cultural não pode ser chamado para tornar o árido mais palatável, para fazer o difícil ficar fácil, para tornar tudo mais gostosinho... Não! (LEITE, OSTETTO, 2004, p. 12).

A arte é uma área de conhecimento, e seu ensino precisa estar além dos muros escolares, pois a transforma realidades de vida através de suas experiências, seja na criança, no adulto ou no idoso. Entretanto, com o crescimento da população idosa, necessita de projetos de capacitação voltadas para os estudos em relação ao perfil deste público, para contribuir na formação de professores acerca de enriquecer e preparar suas metodologias de trabalho caso venham a trabalhar com este público.

6.1.6 Objetivos

Objetivo Geral: Proporcionar aos participantes o diálogo e o conhecimento acerca do ensino da arte, em especial em oficinas de teatro, nos espaços não formais de educação, enquanto possibilidade de atuação profissional do licenciado em arte.

Objetivos Específicos:

- Identificar os diferentes espaços não formais de educação;
- Conhecer a legislação vigente no que tange a extensão universitária, estatuto do idoso, espaços não formais de educação;
- Reconhecer estes espaços enquanto possibilidade de atuação profissional do professor de artes;
- Identificar o sujeito idoso como sujeito em potencial para difundir a arte e a cultura;
- Refletir sobre metodologias utilizadas em oficinas de teatro com pessoas idosas;

- Ampliar o olhar do professor de Artes Visuais em relação ao campo de trabalho.

6.1.7 Metodologia

Tabela 1: Metodologia do projeto de curso: o diálogo com a extensão.

Encontros	Horário	Carga Horária	Proposições
1º	18h às 22h	4 h/a	- Apresentação dos espaços não formais de educação; - O ensino da arte e a extensão universitária. - Apresentação de vídeos de oficinas com idosos; - Concepção do idoso na atualidade.
2º	18h às 22h	4 h/a	- Apresentação e estudos acerca do Caderno de Orientação Técnica do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para a Pessoa Idosa.
3º	18h às 22	4 h/a	- Apresentação de diferentes abordagens metodológicas envolvendo oficinas de teatro para a atuação com idosos. - Reconhecer as possibilidades de atuação relacionando as artes visuais e o teatro.

6.1.7 Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. **Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para pessoas idosas**: orientações técnicas. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2012.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Formação de professores: o convite da arte. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel (Orgs). **Arte, infância e formação de professores**. Campinas: Papirus, 2004.

VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões. **Estação ciência: espaço educativo institucional não formal de aprendizagem**. Anais do IV Encontro de Pesquisa Discente do Programa de Pós Graduação em Educação da Uninove, 2005.

7 CONCLUSÃO

Retomando a entrevista realizada com bolsistas que integram o PIBID do subprojeto de Artes Visuais e amparado no referencial teórico pesquisado, passo a refletir melhor sobre os temas e questões trazidas por esta pesquisa, principalmente sobre o problema de pesquisa: Quais os desafios e as possibilidades metodológicas do professor de Artes Visuais ao desenvolver uma oficina artístico-cultural para a terceira idade? Nas falas dos entrevistados, percebi um grande interesse dos bolsistas no assunto, despertando uma curiosidade nos mesmos, a ponto de trazerem reflexões e questões sobre o assunto de forma bastante objetiva e direta respondendo ao problema de pesquisa e propondo desdobramentos.

A partir do referencial teórico, apresento um mapeamento dos assuntos e conteúdos tratados na pesquisa subsidiando a reflexão e análise dos dados obtidos na entrevista. Para conduzir a entrevista iniciei com perguntas sobre idoso, com o objetivo de verificar se eles identificam o sujeito idoso, entendem quem são os idosos que temos atualmente. Consegui perceber que inicialmente eles não souberam identificar o perfil dos idosos da atualidade. Entretanto, ao provocá-los com os questionamentos em relação as imagens assistidas, rapidamente identificaram questões acerca dos idosos refletidas nas análises da pesquisa.

As próximas questões trataram do ensino da arte, das relações entre linguagens e metodologias para o trabalho com idosos. Os participantes da pesquisa perceberam a importância e o cuidado que devemos ter com metodologias específicas, adequadas ao público que vamos trabalhar. Ressaltam a importância do planejamento, do preparo, de leitura e sinalizam para a inserção de uma disciplina que trabalhe tais concepções no currículo do curso de Artes Visuais – Licenciatura.

Procurei ainda perceber se reconheciam o trabalho com idosos e demais espaços não formais, como possibilidade de atuação profissional do aluno formado em arte. Todos reconhecem este campo como possibilidade de trabalho menciona a existência do estágio IV que trabalha com estas questões no curso, porém mesmo sem a maioria ali ter passado pela disciplina, pelo fato de ela estar na oitava fase do curso, sinalizam a insuficiência dessa disciplina,

reforçando a criação de um novo diálogo que contemple diferentes metodologias para oficinas, projetos e cursos em espaços não formais de educação.

É perceptível que os bolsistas participantes não conhecem de forma profunda encaminhamentos metodológicos para o trabalho com idosos. No entanto, considero também que a criação de uma disciplina não resolveria estas questões em sua totalidade uma vez que é compromisso do profissional ler e se aperfeiçoar em sua área de atuação tendo o cuidado de não compartimentar o currículo com disciplinas isoladas que não resultem em exercícios interdisciplinares, conectados e em consonância com as especificidades das artes visuais. Entretanto, através das respostas manifestadas pelos bolsistas, ficou nítida a necessidade dos acadêmicos de aprofundar conceitos relativos a práticas metodológica em espaços não formais de educação.

Com toda essa pesquisa, compreendo que consegui trazer a cena os espaços não formais de educação como um campo de trabalho em crescimento, não apenas o espaço com idoso, mais em geral todos os espaços não formais. Com este crescimento, o professor de Artes Visuais precisa se preparar melhor para atuar neste campo de trabalho. O professor precisa acompanhar as mudanças em sua volta, a partir de um estudo mais qualificado, de uma formação continuada, para ser um profissional articulado que compreende os espaços educacionais.

Através de todo este processo de pesquisa, também saliento que ela não é fechada e absoluta. Podendo trazer novas pesquisas sobre a concepção do idoso e suas relações com as linguagens artísticas, os espaços não formais e suas metodologias, contemplando os diferentes espaços não formais não somente o do idoso. Que essa pesquisa contribua nas reflexões a ponto de trazer novos conceitos, estudos e ampliação dos temas pesquisados.

REFERÊNCIAS

AFASC. Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma. **Grupo de Idosos**. Disponível em:

<http://www.afasc.com.br/departamentos/grupo_de_idosos>. Acesso em: 27 set. 2014.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. **Estatuto do idoso**. 2003. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>. Acesso em: 02 nov. 2014.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:

<<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/17820>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. **Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para pessoas idosas**: orientações técnicas. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência Social, 2012.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo. WMF Martins Fontes, 2009.

CARVALHO, Jucinara Vargas. O desenvolvimento da autonomia/autoria na construção da produção escrita e da pesquisa. In: DOTTI, Corina Michelon (Orgs). **Educação: reflexões vivências e pesquisa**. Caxias do Sul: Educus, 2002, p. 23- 44.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso (Orgs.) **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007, p. 109-124.

DÓRIA, Lilian Maria Fleury. **Linguagem do teatro**. Curitiba: Ibpex, 2009.

DUARTE JR., João-Francisco. **Porque arte-educação**. 22.ed.Campinas: Papirus, 2012.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante. 2012.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se**

completam. 51.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal e o educador social em projetos sociais. In: VERCELLI, Ligia A. (Org.). **Educação não formal: campos de atuação.** Jundiaí: Paco Editorial, 2013. p. 11-32.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza; REDIGG. Amalhene Baesso. Exposição Mostrando a Cara: processos de criação- reflexão-fruição-apropriação no Curso de Artes Visuais da Unesc. In: 21º Seminário Nacional de Arte e Educação, 2008, Montenegro - RS. **A compreensão da arte: desafios e possibilidades.** v. 21. Montenegro: Fundarte, 2008.

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. A teoria gardneriana e a problemática da educação: desafio para a formação de professores. In: CORRÊA, Ayrton Dutra; NUNES, Ana Luisa Ruschel. (Orgs). **O ensino das artes visuais: uma abordagem simbólico-cultural.** Santa Maria: UFSM, 2006. p. 9-44.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino do teatro.** 9.ed. Campinas: Papirus, 2012.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/criação. In: FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine; (Orgs). **Educação e Arte: as linguagens artísticas na formação humana.** 7.ed. Campinas: Papirus, 2011. p. 27-36.

MALETTA, Ernani. Ação vocal e atuação polifônica. MERISIO, Paulo, CAMPOS, Vilma. (Orgs). **Teatro ensino, teoria e prática.** Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 69 -80.

MEIRA, Marly. O sentido de aprender pelos sentidos. In: PILOTTO, Silvia Sell Duarte. BOHN, Letícia Ribas Diefenthaeler (Orgs). **Arte/Educação: ensinar a aprender no ensino básico.** Joinville: Univille, 2014. p.51-62.

MEIRA, Renata Bittencourt. Corpo no teatro: primeiras reflexões. In: MACHADO, Irley; TELLES, Narciso; MERISIO, Paulo; MEIRA, Renata Bittencourt. (Orgs). **Teatro ensino, teoria e prática.** Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 119-128.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 33 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NEVES, Libéria Rodrigues; SANTIAGO, Ana Lydia B. **O uso dos jogos teatrais na educação: possibilidades diante do fracasso escolar.** Campinas: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho. Relações entre linguagens. In: MAKOWIECKY,

Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho (Orgs). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008. p. 75-97.

OSTETO, Luciana Esmeralda. Do cinzento ao multicolorido, linguagem oral, linguagem escrita e prática pedagógica na educação infantil. In: OSTETO, Luciana Esmeralda. LEITE, Maria Isabel. (Orgs) **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão**. Campinas: Papyrus, 2004. p. 79-96.

RIBEIRO, Juscelino Batista. A contribuição do teatro à educação. In: MACHADO, Irley et. al. (Orgs.) **Teatro: ensino, teoria e prática**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 65-78.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda. Velhice e políticas públicas. In: NERI, Anita Liberalesso (Orgs). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 209-222.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TAVARES, Renan. O jogo teatral na sala de aula. In: MACHADO, Irley, TELLES, Narciso, MERISIO, Paulo, MEIRA, Renata Bitencourt (Orgs). **Teatro, ensino, teoria e prática**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 41-50.

TRILLA, Jaume. A educação não formal. In: ARANTES, Vitória Amorim (Orgs). **Educação formal e não formal**. São Paulo : Summus, 2008. p. 15-55 .

UNESC. **PCC artes Visuais Unesc**: Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/resources/42/arquivos/ppc_-_artes_visuais_-_licenciatura.pdf>. Acesso em: 02 Nov. 2014.

VELLAS, Pierre. **As oportunidades da terceira idade**. Maringá: Eduem, 2009.

VOLPATO, Gildo. **A extensão universitária e as possibilidades de articulação com o ensino e a pesquisa**. Disponível em: <<http://www.tribunet.com/artigo/a-extensao-universitaria-e-as-possibilidades-de-articulacao-com-o-ensino-e-a-pesquisa-3-8-952>>. Acesso em: 12 Out. 2014.

ZAGONEL, Bernadete. **Arte na educação escolar**. Curitiba: Ibpex, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Teatro e Idoso: desafios de um professor de Artes Visuais**.

A sra: Isabel Cristina Grijó Búrigo, presidente da AFASC – Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma, foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto nos grupos de idosos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Pessoa Idosa, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos descobrir os desafios metodológicos do professor de Artes Visuais ao trabalhar com os idosos.

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a ONG no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica William Marcos Machado (telefone:99101979) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor Marcelo Feldhaus (Telefone:96190594).

Criciúma (SC), 27de outubro de 2014.

Assinatura da Presidente

APÊNDICE B - AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGENS E FALAS

Eu,

_____portador do
RG _____, autorizo a utilização das falas, escritas e imagens
de como dados para a pesquisa intitulado “Teatro e idoso: desafios de um
professor de Artes Visuais” de William Marcos Machado acadêmico(a) da 8ª
fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo investigar
os desafios metodológicos do professor de Artes Visuais ao trabalhar a
linguagem do teatro com os sujeitos da terceira idade.

Atenciosamente,

Assinatura

Criciúma, outubro de 2014

APÊNDICE C- QUESTÕES SEMI-EXTRUTURADAS

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

Pesquisador: William Marcos Machado

- 1- O que você vê nestes vídeos e imagens?
- 2- Você identifica que tipo de lugar são capturadas essas imagens?
- 3- Qual o perfil do grupo envolvido?
- 4- Vocês percebem essas atividades como possibilidade de ensino das artes visuais e do teatro?
- 5- Vocês percebem diferenças ou semelhanças na metodologia utilizada na proposta, se comparada com o ensino formal de arte?
- 6- Você sente-se apto para trabalhar com esse perfil de público?
- 7- Há diferença entre os materiais apresentados? Quais?
- 8- Você percebe relações entre linguagens na oficina? Quais?
- 9- Você reconhece este espaço como um campo de atuação profissional para o licenciado em arte?
- 10- Você acha que o curso de Artes Visuais, em sua matriz curricular, prepara o acadêmico para atuação em espaços não formais de educação?